

MARCELO RAUPP

UMA ANÁLISE DESCRITIVA DE TRÊS TRADUÇÕES  
BRASILEIRAS DA BÍBLIA A PARTIR DE ALTERAÇÕES  
INTRODUZIDAS NOS MANUSCRITOS EM LÍNGUA ORIGINAL

Dissertação de mestrado apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de *Mestre em Estudos da Tradução*, área de concentração *Processos de Retextualização*, linha de pesquisa *Teoria, Crítica e História da Tradução*, sob a orientação da professora doutora Cláudia Borges de Faveri.

FLORIANÓPOLIS  
2010

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da  
Universidade Federal de Santa Catarina

R247a Raupp, Marcelo

Uma análise descritiva de três traduções brasileiras da Bíblia a partir de alterações introduzidas nos manuscritos em língua original [dissertação] / Marcelo Raupp ; orientadora, Cláudia Borges de Faveri. - Florianópolis, SC, 2010.  
91 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Tradução e interpretação. 2. Crítica textual. 3. Manuscritos. 4. Traduções da Bíblia. I. Faveri, Claudia Borges de. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

CDU 801=03

Dissertação julgada adequada para a obtenção do grau de

MESTRE EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Área de concentração: Processos de Retextualização

Linha de pesquisa: Teoria, Crítica e História da Tradução.

Aprovada em sua forma final pelo  
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução  
da Universidade Federal de Santa Catarina

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Borges de Faveri  
(UFSC) – Orientadora

---

Prof. Dr. Mauri Furlan  
(UFSC)

---

Prof. Dr. Sinivaldo Silva Tavares  
(ITF)

## AGRADECIMENTOS

- ✓ Ao ser infinito, eterno, sobrenatural e existente por si só, o qual convencionou-se chamar de *Deus*, que acredito estar sempre no controle de tudo, assim como também esteve na realização deste trabalho;
- ✓ À PGET e aos seus idealizadores, por disponibilizarem a única pós-graduação *strictu sensu* em tradutologia da América Latina;
- ✓ À minha orientadora, professora Cláudia Borges de Faveri, pelos muitos conselhos e sugestões, com vistas a adequar meu trabalho aos parâmetros da exigente Academia;
- ✓ Aos membros da minha banca de qualificação (professores Mauri Furlan e Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos), e aos da banca de defesa (professores Mauri Furlan e Sinivaldo Silva Tavares), pelas valiosas sugestões que me deram nestas duas importantes etapas do trabalho;
- ✓ Aos professores das disciplinas que cursei durante o mestrado, por terem sido os facilitadores no meu aprofundamento teórico-reflexivo sobre a atividade tradutória e a sua interdisciplinaridade. São eles (em ordem alfabética): Ana Cláudia de Souza, Cláudia Borges de Faveri, Ina Emmel Selke, Luizete Guimarães Barros, Maria José Roslindo Damiani Costa, Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos, Meta Elizabeth Zipser, Rafael Camorlinga Alcaraz, Ronaldo Lima e Werner Ludger Heidermann.
- ✓ Aos colegas de turma que, assim como eu, também tinham expectativas, medos, anseios, angústias, enfim, tudo a que estamos suscetíveis na longa caminhada a ser percorrida até que o trabalho final esteja concluído;
- ✓ Por fim, expresso os meus mais sinceros agradecimentos a todos que contribuíram, diretamente e indiretamente, para a realização deste trabalho.

## RESUMO

Apresentação dos resultados de uma pesquisa inserida no campo do que se denomina *tradução de textos sensíveis*, pesquisa essa que teve por tema fazer uma análise descritiva de como três traduções brasileiras eruditas da Bíblia comportaram-se com relação a passagens do texto original que foram alteradas nas cópias manuscritas disponíveis atualmente. Nossa pesquisa partiu do seguinte pressuposto teórico: como a Bíblia nas línguas em que foi originalmente escrita dependeu, para ser difundida, essencialmente de cópias e recópias manuais que dela foram feitas ao longo dos séculos, nas mais diferentes regiões do mundo antigo, acabaram surgindo mudanças inevitáveis em determinadas passagens, oriundas de alterações conscientes e inconscientes feitas pelos escribas. Tais alterações, que parecem ser o principal motivo de haver divergência entre as cópias manuscritas da Bíblia em determinados trechos, são objeto de estudo da *crítica textual*, ciência em cujas teorias nos pautamos, e cujo objetivo é recuperar a forma original das obras literárias antigas, mediante o cotejamento de todas as cópias disponíveis dessas obras. O escopo da pesquisa foi demonstrar, mediante uma análise descritiva, que, apesar de os tradutores disporem de textos padronizados da Bíblia nas línguas originais, as passagens que foram modificadas, de uma maneira geral, acabam por se perpetuarem nas traduções, fazendo com que o estudo das versões da Bíblia seja necessário, a fim de esclarecer o porquê de haver determinadas passagens que variam radicalmente de uma versão para outra. Visto que existe uma série de passagens bíblicas que se enquadram no tema do nosso trabalho, procuramos utilizar na análise aquelas que julgamos abrir mais espaço para discussões de ordem tradutória, por serem as responsáveis imediatas pelas diferenças de forma e conteúdo que saltam à vista quando se compara as traduções da Bíblia.

**PALAVRAS-CHAVE:** crítica textual; manuscritos, texto-fonte e traduções da Bíblia.

## ABSTRACT

Presentation of the results concerning a research in the area of *translation of sensitive texts*. The objective of the research was to do a descriptive analysis taking into account how three Brazilian scholar translations of the Bible dealt with some passages of the original text that were modified in the available manuscript copies. Our research assumed the following theory: as the Bible in the original languages, to be overspread, depended essentially on manuscripts that were copied and recopied along the centuries, in many different regions of the ancient world, some changes in certain passages consequently appeared in the biblical text, due to the conscious and unconscious modifications made by the copiers. Such changes, which seem to be the main reason of the divergences among the biblical manuscript copies in certain passages, are studied by the *textual criticism*, the science in whose theories we based on, and whose aim is to restore the original form of the ancient literary works, by means of comparing all the available copies of such works. The goal of our research was to demonstrate, through a descriptive analysis, that, despite the fact that translators have standardized biblical texts in the original languages, the passages that were changed, overall, are perpetuated in the translations, what makes necessary the study of the Bible versions, in order to be elucidated the reason why there are certain passages that radically vary from one version to another. Since there are many biblical passages that fit in the theme of our work, we tried to use in the analysis the ones that we believe would give more opportunity to translation discussions, since they are the close agents of the differences concerning form and verbal content we can observe when comparing the Bible translations.

**KEY WORDS:** textual criticism; manuscripts, source-text and Bible translations.

**LISTA DE SIGLAS**

AT	Antigo Testamento
BENVI	Bíblia de Estudo Nova Versão Internacional
BJ	Bíblia de Jerusalém
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
MMM	Manuscritos do Mar Morto
NIVSB	New International Version Study Bible
NT	Novo Testamento
TC	Texto Crítico
TEB	Tradução Ecumênica da Bíblia
TOB	Traduction Oecuménique de la Bible
TM	Texto Massorético
TNMES	Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas
TR	Texto Recebido

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
1	<b>ORIGEM E TRANSMISSÃO DA BÍBLIA</b> .....	17
1.1	COMO TUDO COMEÇOU .....	17
1.2	AS PRIMEIRAS TRADUÇÕES DA BÍBLIA .....	18
1.3	OS MANUSCRITOS MAIS ANTIGOS DA BÍBLIA: ANTIGO TESTAMENTO .....	22
1.3.1	<b>Os Targuns</b> .....	22
1.3.2	<b>Os Manuscritos do Mar Morto</b> .....	22
1.3.3	<b>O Pentateuco Samaritano</b> .....	23
1.3.4	<b>Os Manuscritos da Sinagoga do Cairo</b> .....	23
1.4	OS MANUSCRITOS MAIS ANTIGOS DA BÍBLIA: NOVO TESTAMENTO .....	24
1.4.1	<b>Texto alexandrino</b> .....	24
1.4.2	<b>Texto ocidental</b> .....	25
1.4.3	<b>Texto cesariense</b> .....	26
1.4.4	<b>Texto bizantino</b> .....	26
2	<b>RECONSTITUIÇÃO E PADRONIZAÇÃO DO TEXTO BÍBLICO</b> .....	29
2.1	A VULNERABILIDADE DO TEXTO BÍBLICO .....	29
2.2	TIPOS DE MODIFICAÇÕES: ORIGEM DAS VARIANTES NOS MANUSCRITOS DA BÍBLIA .....	32
2.2.1	<b>Mudanças involuntárias</b> .....	33
2.2.2	<b>Mudanças voluntárias</b> .....	35
2.3	A CIÊNCIA DA CRÍTICA TEXTUAL .....	36

2.3.1	<b>Traduções antigas: auxílio na resolução dos problemas do texto bíblico</b> .....	38
2.3.1.1	A Septuaginta .....	38
2.3.1.2	A Peshitta .....	41
2.3.1.3	A Vulgata .....	43
2.3.2	<b>Propostas de padronização do texto bíblico</b> .....	44
2.3.2.1	O Texto Massorético: a tradição textual padronizada do Antigo Testamento .....	44
2.3.2.2	O Texto Recebido: a primeira proposta de padronização para o Novo Testamento .....	46
2.3.2.3	O Texto Crítico: uma nova proposta de padronização para o Novo Testamento .....	47
3	<b>ANÁLISE DESCRITIVA DO CORPUS</b> .....	50
3.1	<b>AS VERSÕES DO CORPUS</b> .....	50
3.1.1	<b>Tradução Ecumênica da Bíblia (1994)</b> .....	50
3.1.2	<b>Bíblia de Jerusalém (2002)</b> .....	51
3.1.3	<b>Bíblia de Estudo Nova Versão Internacional (2003)</b> ..	52
3.2	<b>ANÁLISE DAS PASSAGENS PROBLEMÁTICAS</b> .....	54
3.2.1	<b>Passagens do Antigo Testamento</b> .....	54
3.2.1.1	Assassinato de Abel (Gênesis 4:8) .....	54
3.2.1.2	Cântico de Moisés (Deuteronômio 32:8) .....	56
3.2.1.3	De Moisés para Manassés (Juízes 18:30) .....	58
3.2.1.4	Diálogo da divindade com Samuel (I Samuel 3:13) .....	59
3.2.1.5	Consagração de Saul a rei de Israel (I Samuel 10:1) .....	60
3.2.1.6	Idade que Saul tinha quando começou a reinar (I Samuel 13:1) .....	61

3.2.1.7	Condução da arca da aliança (II Samuel 6:3-4) .....	63
3.2.1.8	Idade que Acazias tinha quando começou a reinar (II Reis 8:26 e II Crônicas 22:2) .....	64
3.2.1.9	De “túmulo” para “interior” (Salmo 49:12) .....	65
3.2.2	<b>Passagens do Novo Testamento</b> .....	67
3.2.2.1	Doxologia da oração do Pai Nosso (Mateus 6:13) .....	67
3.2.2.2	Epílogo do Evangelho de Marcos (16:9-20) .....	69
3.2.2.3	Oração de Cristo (Lucas 22:42-44) .....	72
3.2.2.4	O paralítico na piscina de Betesda (João 5:2-7) .....	74
3.2.2.5	Episódio da mulher adúltera (João 7:53 – 8:11) .....	77
3.2.2.6	Confissão de fé de um etíope (Atos 8:37) .....	79
3.2.2.7	“Deus se manifestou em carne” ou “ele se manifestou em carne” (I Timóteo 3:16) .....	80
3.2.2.8	<i>A comma joanina</i> (I João 5:7-8) .....	81
4	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	83
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	88

## INTRODUÇÃO

A Bíblia é o livro sagrado do cristianismo. É uma coletânea de escritos muito antigos, resultantes da longa experiência religiosa dos judeus e dos primeiros cristãos. Os livros foram escritos ao longo de aproximadamente um milênio e meio, em diferentes regiões geográficas de Israel e em contextos culturais variados. Trata-se de uma obra que, desde os tempos antigos, sempre esteve presente na história da humanidade, tendo sido utilizada no decorrer dos séculos por cristãos das mais variadas etnias e línguas. Além disso, a Bíblia demonstra agregar todas as características de um verdadeiro monumento literário, pois, uma vez eliminando o caráter sagrado que seus usuários costumam lhe atribuir, teremos uma coletânea formada por livros que englobam inúmeros gêneros literários, tais como narrativas históricas, contos, hinos, provérbios, poesias, profecias, orações, que, junto com várias outras modalidades retóricas, contêm todos os ingredientes essenciais da boa literatura, a saber, mistério, emoção, intriga, violência, humor, erotismo, entre outros.

Ao que parece, o que tem conferido um status diferenciado à Bíblia e a tem distinguido das demais peças da literatura antiga é justamente o fato de milhares e milhares de cristãos de todas as épocas a terem como uma obra que foi escrita sob inspiração divina, e que a mensagem que traz destina-se a toda a humanidade, embora esse pensamento seja visto como subjetivo na perspectiva de uma pessoa não cristã ou não religiosa, que tende a encarar a Bíblia como sendo apenas um antigo documento religioso. De qualquer forma, conforme Brown (1998, p. 53), os cristãos acreditam que as boas novas de salvação destinadas à humanidade foram comunicadas

não só “em pessoa”, através de Jesus Cristo, mas também “por escrito”, através da Bíblia. Por conseguinte, os cristãos sempre consideram a Bíblia uma obra incomparável e qualitativamente diferente em relação aos outros livros.

Parece ser por causa disso que os cristãos do mundo todo veem a Bíblia como escritura sagrada, e a tem como a própria palavra do deus que adoram. No entanto, os livros que compõem essa coletânea estão originalmente escritos em modalidades do hebraico e do aramaico (no caso do Antigo Testamento) e do grego (no caso do Novo Testamento) que já não são mais faladas há muito tempo. Sendo assim, atualmente só os especialistas têm o privilégio de ler a Bíblia nas línguas originais, e o

acesso à mensagem divina, que deve ser propagada a toda a humanidade, segundo a visão do cristianismo, estaria limitado a um grupo de pessoas altamente restrito. Dessa forma, é a atividade tradutória que, por séculos, tem levado a Bíblia ao conhecimento de muitos povos, falantes das mais variadas línguas e dialetos e pertencentes às mais diversas culturas. Conforme observa Torre (2001, p. 17), se levarmos em conta que nenhuma outra publicação em nível mundial conseguiu, durante tanto tempo, ser traduzida para tantas línguas e culturas, parece não haver problemas em considerar a Bíblia como ocupante de um lugar de primeiríssima ordem na história da tradução.

A Bíblia nas línguas em que foi originalmente escrita está preservada em uma série de manuscritos que chegaram até nós, os quais foram produzidos nas mais diferentes épocas da história da humanidade. Entretanto, ao discorrerem sobre a transmissão do texto bíblico durante todo esse tempo, Sellin e Fohrer (2007, p. 727) nos informam que,

apesar de todos os esforços possíveis para fixar o texto hebraico do Antigo Testamento com a maior exatidão e o maior cuidado possíveis, ele não ficou isento de erros e, em muitos detalhes, não transmite o conteúdo verbal inicialmente registrado. Antes do trabalho de fixação do texto pelos escribas e massoretas<sup>1</sup>, já se haviam introduzido muitos erros e se fizeram alterações que, desde então, têm sido assumidos e retransmitidos.

O mesmo é dito quanto ao Novo Testamento, por Comfort (1998, p. 216-217):

no final do século I [d.C.] e início do século II [d.C.], as tradições orais<sup>2</sup> e a palavra escrita coexistiam com o mesmo nível de autoridade –

---

<sup>1</sup> Sellin e Fohrer referem-se aqui ao *Texto Massorético*, que é o texto hebraico padrão utilizado nas traduções do Antigo Testamento. Abordaremos esse assunto com mais detalhes na seção 3.2.

<sup>2</sup> De acordo com Long (2005, p. 13), os textos sagrados têm sua origem na comunicação oral. Antes de serem registrados por escrito, os relatos eram transmitidos quase exclusivamente de boca em boca, uma vez que a pregação era utilizada não só no cristianismo, mas também na fase inicial de muitas outras religiões, como meio de transmitir ensinamentos. O mesmo é dito por Lenhardt e Collin (1997, p. 7), os quais informam que o evangelho, antes de ser consignado por escrito, foi anunciado e pregado, e que esse evangelho oral foi acolhido pelos fiéis como palavra de Deus.

sobretudo no que respeita ao texto dos evangelhos. Muitas vezes, o texto [escrito] era mudado por copistas que se empenhavam em harmonizar a mensagem escrita com a tradição oral, ou que tentavam conciliar o relato de um evangelho com outro.

Durante o processo de transmissão da Bíblia nas línguas em que foi originalmente escrita, algo que já se estende por séculos, as alterações de que falam Sellin e Fohrer e Comfort, acima, foram aumentando e se acumulando, à medida que novas cópias manuscritas iam sendo feitas. Como resultado, surgiram determinadas passagens do texto bíblico cuja redação varia de um manuscrito para outro, algo que não deixa de ser problemático, pois a Bíblia é uma espécie de livro prescritivo para os cristãos. De acordo com Treballe Barrera (1999, p. 397), a maioria das alterações que aparecem nos manuscritos da Bíblia diz respeito a formas ortográficas e a questões gramaticais e estilísticas, que não chegam a afetar o sentido do texto, visto que podem ser facilmente corrigidas pelos estudiosos. Mas, conforme observa Norton (1998, p. 207), ao eliminarmos esses três fatores (formas ortográficas, questões gramaticais e estilísticas), restam passagens sobre as quais incidem vários questionamentos, já que algumas aparecem em determinados manuscritos, mas não constam em outros.

Isto posto, o objetivo deste trabalho é descrever como três versões<sup>3</sup> brasileiras da Bíblia se comportaram com relação a passagens que foram alteradas nas cópias manuscritas disponíveis atualmente, passagens essas que estão citadas na literatura que nos serviu de arcabouço teórico. Pretendemos demonstrar, mediante nossa análise, que tais passagens, além de constituírem apenas um dos inúmeros problemas a serem enfrentados pelos tradutores da Bíblia, fazem com que a redação de um determinado trecho varie de uma tradução para outra, tanto na forma quanto no conteúdo, do mesmo modo como varia de manuscrito para manuscrito.

Não se trata, porém, de uma comparação de traduções com o texto na língua em que foi originalmente escrito, mas de um cotejamento a partir do que se denomina *corpus paralelo*, uma vez que levamos em conta apenas as traduções escolhidas para análise. Ou seja, limitamo-nos a fornecer uma análise descritiva, sem intenção de nos aprofundarmos nas questões sobre as causas que levaram os tradutores

---

<sup>3</sup> Utilizaremos o termo “versão”, intercambiavelmente, como sinônimo para “tradução”.

das Bíblias que compõem o corpus a traduzirem da maneira aqui descrita.

Quanto à seleção das passagens bíblicas, esta etapa do trabalho revelou-se uma grande dificuldade, pois constatamos pela bibliografia utilizada que não são poucas aquelas que foram modificadas nos manuscritos em língua original. Deste modo, convém admitir que não foi possível eliminar todo o subjetivismo no momento de decidir o que devia constar e o que devia ficar de fora da análise, sendo que uma certa idiossincrasia foi inevitável. Apesar disso, aquelas que escolhemos estão entre as que mais dão margem para discussões de ordem tradutória, por serem as responsáveis imediatas pelas diferenças que se observam quando se compara as traduções da Bíblia. Portanto, não tivemos a intenção de sermos exaustivos, e nem isso seria possível, tendo em vista os limites próprios de um trabalho como o nosso.

Para a composição do corpus, tínhamos decidido, a princípio, que utilizaríamos apenas traduções brasileiras que trouxessem aparato crítico<sup>4</sup>, pois é nesse recurso adicional de uma tradução erudita da Bíblia que são comentadas, dentre inúmeras questões, as dificuldades relativas às passagens problemáticas do texto. Entretanto, uma vez que não foram poucas as versões bíblicas em português que encontramos a trazer aparato crítico, sentimos a necessidade de aplicar mais um critério de escolha: o público-alvo. Mas isso também não foi suficiente para delinear um corpus, pois também constatamos que os diversos grupos religiosos que usam a Bíblia têm à sua disposição uma série de traduções que trazem aparato crítico. Sendo assim, adicionalmente a estes dois critérios (público-alvo e aparato crítico), utilizamos outros dois para a composição do nosso corpus de análise: popularidade e projeto tradutivo. Dessa forma, levando em conta que o catolicismo e o protestantismo são as duas grandes correntes cristãs que usam a Bíblia, selecionamos, assim, três versões em português que estão entre as mais populares nesses dois meios, e que seguem projetos de tradução da Bíblia reconhecidos mundialmente. São elas:

- a) Bíblia de Jerusalém: destinada aos cristãos católicos, foi feita com base na terceira edição da *La Bible de Jérusalem*, famoso projeto tradutivo da Bíblia para o francês, reconhecido internacionalmente. Consta no paratexto<sup>5</sup> (p. 4-5) que, além de ter obtido aprovação da

---

<sup>4</sup> Por “aparato crítico” entendemos as notas e as introduções contidas nas versões bíblicas que compõem o corpus deste trabalho.

<sup>5</sup> Paratexto são todos os elementos que rodeiam ou acompanham marginalmente um texto. Os

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (doravante CNBB), a Bíblia de Jerusalém é considerada, em diversos países, a melhor edição da escritura sagrada do cristianismo;

- b) Bíblia de Estudo Nova Versão Internacional: tem os cristãos protestantes como público-alvo. A obra foi feita nos mesmos moldes da segunda edição da *The New International Version Study Bible*, projeto tradutivo da Bíblia para o inglês também reconhecido mundialmente. O prefácio à edição brasileira (p. XI), que é assinado por Russel Shedd, diz que a *The New International Version Study Bible* é, em geral, aclamada como a melhor e mais equilibrada Bíblia de estudo do mundo;
- c) Tradução Ecumênica da Bíblia: como o nome indica, é uma obra com pretensões ecumênicas, destinada a todos que acolheram a escritura sagrada do cristianismo como fundamento para a sua fé. O prefácio à edição brasileira, assinado por Gabriel C. Galache e Johan Konings, informa (p. XII) que a tradução foi feita com base na terceira edição de uma versão francesa reconhecida como Bíblia de estudo de padrão internacional: a *Traduction Oecuménique de la Bible*. Além disso, o paratexto diz (p. III) que a obra obteve o reconhecimento das instituições ecumênicas brasileiras, além de ter sido aprovada pela CNBB.

O presente trabalho está inserido no campo do que se denomina *tradução de textos sensíveis*, campo esse que, apesar de ser geralmente associado aos textos religiosos, não se limita somente a essa modalidade textual. É o que nos diz Simms (1997, p. 5 apud GOHN, 2001, p. 148-149), ao postular que qualquer texto pode ser visto como sensível. De acordo com esse autor, a sensibilidade não está no texto e não é uma propriedade inerente a ele, mas é determinada pela forma como o texto é visto pelos leitores. Neste caso, os textos que as tradições religiosas usam como fundamento para a sua fé (a Bíblia é um típico exemplo) são sensíveis porque, ao contrário das outras modalidades textuais, costumam envolver emocionalmente os fiéis, despertando neles uma certa reverência. Além disso, parece que as autoridades das

---

mais comuns são o índice, o prefácio, os títulos e subtítulos, o posfácio, a dedicatória e a bibliografia. Numa obra publicada, o paratexto pode ser determinado tanto pelo autor como pelos editores. (Carlos Ceia, in *E-Dicionário de Termos Literários*, capturado de <http://www2.fcsh.unl.pt/edt/verbetes/P/paratexto.htm>, com adaptações).

organizações religiosas, tanto as do passado quanto as de agora, tendem a considerar que cada palavra de um texto tido por eles como sagrado foi inspirada ou até mesmo ditada pela divindade, inclusive o arranjo delas, e que, por isso, tal texto não pode ser adulterado, o que, de certo modo, requer um cuidado especial por parte daqueles que se aventuram em traduzi-lo, para não afetar sensibilidades e garantir que a tradução seja bem recebida pelos seus destinatários.

Organizamos nosso trabalho em três capítulos: os dois primeiros fazem a contextualização histórica e teórica do tema, servindo, ao mesmo tempo, de preparação para o último, que traz a análise descritiva das traduções. No capítulo I, fornecemos um panorama que aborda três tópicos: 1) o surgimento da Bíblia; 2) os fatores sócio-culturais que desencadearam as primeiras traduções e 3) os manuscritos bíblicos mais antigos que chegaram até nós. No capítulo II, constam três grandes tópicos, relativos à reconstituição e à consequente padronização do texto bíblico. No primeiro, discutimos a vulnerabilidade a que esteve sujeito o texto bíblico, quando foi copiado e recopiado inúmeras vezes. No segundo, abordamos as modificações que surgiram em decorrência dessa vulnerabilidade, e cuja origem está no trabalho dos escribas. Quanto ao terceiro grande tópico, este se subdivide em três outros tópicos, nos quais apresentamos: 1) algumas considerações sobre a ciência da crítica textual e a importância dela no estabelecimento de um texto-fonte para as traduções da Bíblia; 2) as três traduções bíblicas antigas mais utilizadas no tratamento e na recuperação de passagens problemáticas do texto em língua original; 3) os principais textos padronizados disponíveis aos tradutores. E, por fim, a parte prática do trabalho é apresentada no capítulo III. Nele, fornecemos, primeiramente, alguns dados sobre cada versão em português utilizada na análise, tais como questões relativas ao público-alvo, ao(s) tradutor(es), ao objetivo e aos princípios que nortearam a tradução. Em seguida, apresentamos as passagens bíblicas problemáticas que selecionamos, descrevendo como as traduções de nosso corpus lidaram com cada uma delas.

## 1 – ORIGEM E TRANSMISSÃO DA BÍBLIA

O objetivo do capítulo inicial do nosso trabalho é fornecer um breve panorama 1) do surgimento da Bíblia, 2) dos fatores sócio-culturais que desencadearam as primeiras traduções e 3) dos manuscritos bíblicos mais antigos que chegaram até nós.

### 1.1 – COMO TUDO COMEÇOU

White (2007, p. 8), ao comentar o surgimento da Bíblia, postula que não houve revelação escrita durante os primeiros 2500 anos da história dos judeus, povo que começou a escrever os livros que hoje formam a primeira parte da Bíblia, denominada *Antigo Testamento* (doravante AT). Ao mencionar a maneira como as informações de cunho religioso circulavam nessa época entre os judeus, White (2007, p. 8) corrobora o que já vimos na nota 2, ou seja, que a transmissão ocorria de forma oral, de pai para filho, tendo permanecido assim durante um bom tempo. No que diz respeito à transmissão por escrito, não se sabe exatamente quando os primeiros registros começaram a ser feitos. Mas é certo que durou mais de um milênio o período de escrita de todos os livros que hoje formam a Bíblia. Com o passar do tempo, as tradições orais e escritas dos judeus tiveram um considerável aumento. É provável que elas se multiplicaram após o surgimento das chamadas doze tribos de Israel, que dizem respeito à descendência dos filhos de Jacó, os quais estão entre os patriarcas de Israel no judaísmo e no cristianismo. E foi assim que começou a se formar a literatura sagrada dos judeus, que, segundo confirma Silva (1986, p. 30), era transmitida tanto oralmente quanto por escrito na época patriarcal. No entanto, ainda não havia nessa época a preocupação de catalogar rigorosamente as tradições que eram comunicadas por escrito.

Ainda de acordo com White (2007, p. 8), Moisés foi o primeiro a escrever o que mais tarde seria utilizado na compilação dos cinco primeiros livros da Bíblia, a saber, Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Após Moisés, outros escritores também se incumbiram de escrever a literatura sagrada dos judeus. Mas pode ser que tenha sido a partir do reinado de Salomão, o qual governou Israel por quarenta anos (de 972 a.C. a 932 a.C.), que foi organizado um grupo de escritores para atuar na corte dos reis israelitas, cuja função era zelar pela literatura sagrada de Israel. Esse grupo era composto pelos chamados escribas e sacerdotes, e, no seu primeiro trabalho de destaque, teria sido compilada a primeira coleção de escritos sagrados, a qual constitui os cinco

primeiros livros da Bíblia, citados acima, que os judeus chamam de *Torá*, e os cristãos, de *Pentateuco*. Nos séculos seguintes, outros registros foram sendo produzidos e compilados, dando origem às outras coleções de narrativas sagradas da literatura judaica, as quais, juntamente com o Pentateuco, formam o AT, que é a primeira parte da Bíblia, como já vimos.

Após o nascimento de Cristo, surgiram os livros referentes à segunda parte da Bíblia, intitulada *Novo Testamento* (doravante NT). Isso nos leva à conclusão, ainda que óbvia, de que a Bíblia não é um único livro, mas uma coleção de livros que levou séculos para ser finalizada. Para se ter uma ideia, White (2007, p. 8) sustenta que a escrita de toda a Bíblia levou aproximadamente 1600 anos (desde Moisés até João). Sendo assim, foi durante o tempo da vida de Moisés, que viveu de 1543 a.C. a 1423 a.C., conforme Reese e Klassen (2003, p. 101, 255), que o Pentateuco começou a ser escrito pelo próprio, enquanto que o último livro que figura na lista do cânon neotestamentário (o Apocalipse) foi escrito pelo apóstolo João em meados de 90 d.C., o que corresponde a um período de escrita próximo do que White fornece.

## 1.2 – AS PRIMEIRAS TRADUÇÕES DA BÍBLIA

De acordo com Treballe Barrera (1999, p. 155), a simples ideia de que um determinado texto possa ter sido inspirado pela divindade acarreta que todos os seus elementos sejam vistos como sagrados: a língua em que foi escrito, o estilo e até mesmo cada palavra. Parece ter sido esse pensamento que fez os judeus, em princípio, nunca permitirem que os seus livros sagrados fossem traduzidos para outro idioma, pois eles eram extremamente fiéis à tradição de preservar e estudar a mensagem contida em tais livros na língua em que foi originalmente escrita, ou seja, o hebraico. Apesar disso, como veremos a seguir, as traduções do Tanakh<sup>6</sup>, quer escritas, quer orais, já eram feitas desde a antiguidade. Mesmo hoje, ainda é possível encontrar autoridades religiosas do judaísmo ortodoxo que acreditam ser mesmo impossível

---

<sup>6</sup> Tanakh é o acrônimo que o judaísmo utiliza para denominar sua principal e mais importante coletânea de livros sagrados, que hoje corresponde ao Antigo Testamento da Bíblia protestante, visto que a Bíblia católica acrescentou, além dos livros do Tanakh, mais sete no seu Antigo Testamento (cf. seção 2.3.1.1). A palavra “Tanakh” é formada pelas sílabas iniciais do nome das três coleções que o constituem, a saber: 1) *Torá*, que quer dizer “ensinamento”, 2) *Neviim*, que significa “profetas”, e 3) *Ketuvim*, cujo significado é “escritos”. O Tanakh é também conhecido como *Bíblia Hebraica*.

traduzir seus textos sagrados. É o que podemos perceber no seguinte depoimento de um rabino:

Exatamente por conhecermos bem o hebraico, e sabermos das diferenças que distanciam o hebraico atual do bíblico, e termos consciência plena da pontuação massorética e sua função e influência na tradução, além da diferença que levanta-se como uma inexpugnável barreira entre o hebraico e as línguas ocidentais, antigas ou modernas, não nos atrevemos a traduzir o texto bíblico, tarefa que pensamos ser impossível. (Rabino J. de Oliveira, União Sefaradita de Beneficência em prol dos Judeus Hispano-Portugueses, grifo nosso, citação capturada de <http://www.judaismo-iberico.org/interlinear/tanakh/indexpt.html>)

De fato, a tradição de preservar os escritos sagrados do judaísmo na língua original foi mantida durante vários séculos. Porém, à medida que o tempo passava, mudanças culturais e históricas fizeram com que a fidelidade ao costume de estudar o Tanakh na língua hebraica fosse substituída pela necessidade de torná-lo compreensível aos judeus que não falavam mais o hebraico. A própria Bíblia registra uma das primeiras ocasiões em que a Torá<sup>7</sup> teve de ser traduzida para os judeus que desconheciam a língua em que o texto havia sido originalmente escrito. O evento está registrado no livro de Neemias, que cobre um período histórico de treze anos (456 a.C. a 443 a.C.). No trecho 8:1-8 desse livro, consta que todo o povo de Israel se reuniu em Jerusalém, na praça em frente ao Portão das Águas, para ouvir a leitura da Torá, que seria feita por Esdras. Vejamos, de acordo com o texto da Nova Tradução na Linguagem de Hoje (2000, p. 490):

1 Já no sétimo mês, todo o povo de Israel estava morando nas suas cidades. No dia primeiro desse mês, todos se reuniram em Jerusalém, na praça em frente ao Portão das Águas. 3 E ali, na praça em frente ao portão, Esdras leu a Lei para o povo, desde o nascer do sol até o meio-dia. E todos ouviram com atenção. [...] 7 [...] Então os levitas

---

<sup>7</sup> Formalmente, o termo Torá designa apenas os cinco primeiros livros do Tanakh. Habitualmente, é uma metonímia usada para se referir a todo o Tanakh.

explicaram a Lei para o povo. [...] 8 Eles iam lendo o Livro da Lei e traduzindo; e davam explicações para que o povo entendesse o que era lido.

Esta passagem de Neemias relata um caso de tradução oral. Sobre a tradução da Bíblia por escrito, feita na antiguidade, Nida (1964, p. 12) postula que o único registro confiável que se tem é o que consta no prólogo do Eclesiástico, um livro cujo original hebraico se perdeu, mas que é conhecido hoje em dia graças às traduções que dele foram feitas na antiguidade. O Eclesiástico, apesar de ser considerado apócrifo<sup>8</sup> no cristianismo protestante e no judaísmo ortodoxo contemporâneo, era inicialmente visto como canônico, pois, até o século IV d.C., a Bíblia de Jerusalém (2002, p. 1141) registra que era citado pelos rabinos, no Talmud<sup>9</sup>. Por volta de 132 a.C., o livro foi traduzido para o grego, e nele há um breve prefácio, em que encontramos um comentário crítico e reflexivo sobre a atividade tradutória, que reproduzimos a seguir, de acordo com a tradução de Matos Soares (1982, p. 745):

Eu vos exorto, pois, a vir com benevolência, e a empreender esta leitura com uma atenção particular e a perdoar-nos, se algumas vezes parecer que, ao reproduzir este retrato da sabedoria, somos incapazes de dar o sentido (claro) das expressões; porque as palavras hebraicas perdem muito da sua força, quando trasladadas para outra língua. E não é só este livro, mas a própria lei e os profetas, e o contexto dos outros livros são muito diferentes, quando se compara a versão com o original.

Além de Neemias e Eclesiástico, a Bíblia contém outras alusões à atividade tradutória praticada na Antiguidade. É o caso de II Reis 18:26-28, livro que cobre um período histórico de 460 anos (de 1040 a.C. a

---

<sup>8</sup> De acordo com a Bíblia Apologética de Estudo (2006, p. 875-876), o termo “apócrifo” é comumente empregado, em matéria bíblico-teológica, para designar determinados livros destituídos de autoridade canônica, que, embora tenham sido inicialmente vistos como sagrados, atualmente não são aceitos no judaísmo e no cristianismo como obras de redação divinamente inspirada.

<sup>9</sup> Talmud (“estudo”, em hebraico) é o nome que se dá à compilação das discussões das autoridades rabínicas do judaísmo e dos doutores da Torá. É formado por duas grandes partes: a *Mishná* (“redação”, em hebraico), compilada do século I d.C ao III d.C., e a *Guemará* (“complemento”, em hebraico), compilada do século III d.C ao V d.C.

580 a.C.), em que temos mais um episódio de tradução oral, cujo texto reproduzido a seguir foi tomado da Nova Tradução na Linguagem de Hoje (2000, p. 394):

26 Então Eliaquim, Sebna e Joá disseram ao oficial: Fale em aramaico, pois nós entendemos. Não fale em hebraico, pois todas as pessoas que estão nas muralhas estão escutando. 27 Ele respondeu: Vocês pensam que o rei me mandou dizer todas essas coisas somente para vocês e para o seu rei? Não! Não foi só isso. Eu estou falando também com as pessoas que estão sentadas nas muralhas [...]. 28 Então o oficial ficou de pé e gritou em hebraico: Escutem o que o grande rei, o rei da Assíria, está dizendo a vocês!

Já em Ester 8:9, livro que cobre um período histórico de dezoito anos (de 493 a.C. a 475 a.C.), temos um caso de tradução escrita. No referido versículo, está registrado o seguinte, também de acordo com a Nova Tradução na Linguagem de Hoje (2000, p. 505):

Isso aconteceu no dia vinte e três do terceiro mês, o mês de Sivã<sup>10</sup>. Mordecai mandou chamar os secretários do rei e ditou um decreto aos judeus, aos representantes do rei, aos governadores das províncias<sup>11</sup> e aos chefes dos vários povos, em todas as províncias do reino, que eram cento e vinte e sete ao todo e iam desde a Índia até a Etiópia. O decreto foi traduzido para todas as línguas faladas no reino, e cada tradução seguia a escrita usada em cada província; o decreto foi copiado também na língua e na escrita dos judeus.

Como vimos, a própria Bíblia, mais especificamente o AT, cita alguns casos de traduções orais e escritas, praticadas no meio judaico já desde os eventos bíblicos, o que serve para comprovar que a necessidade de tornar os escritos sagrados do judaísmo compreensíveis aos fiéis que não entendiam mais o hebraico falou mais alto do que a tradição de que

---

<sup>10</sup> Sivã é o nome do terceiro mês do calendário hebraico e ia de meados de maio a meados de junho.

<sup>11</sup> Província era o nome dado à divisão das terras de um império, administrada por um representante do Imperador. Os atuais estados do Brasil correspondem mais ou menos às províncias do tempo do Império.

a mensagem tida por eles como divina deveria ser preservada e estudada na língua em que foi originalmente escrita.

### 1.3 – OS MANUSCRITOS MAIS ANTIGOS DA BÍBLIA: ANTIGO TESTAMENTO

Comparando com o NT, os manuscritos do AT nas línguas em que foi originalmente escrito constituem uma quantidade bastante pequena. Os mais antigos e relevantes são os *Targums Aramaicos*, os *Manuscritos do Mar Morto*, o *Pentateuco Samaritano* e os *Manuscritos da Sinagoga do Cairo*.

#### 1.3.1 – Os Targuns

Os Targuns são as traduções-comentário do AT para o aramaico. Além de tudo parecer indicar que foram as primeiras traduções do Tanakh a serem feitas, os Targuns podem ser considerados manuscritos em língua original, pois, conforme Torre (2001, p. 19), o texto hebraico acompanha a tradução aramaica, a qual traz ainda outros recursos, tais como interpretações, paráfrases e comentários explicativos, tudo com vistas a facilitar a compreensão do original hebraico, uma vez que só a tradução parecia não ser suficiente.

Quanto aos fatores que desencadearam o surgimento dos Targuns, Deslile e Woodsworth (1998, p. 172) informam que, em 538 a.C., após o fim do cativeiro na Babilônia, os judeus que voltaram para a Judeia falavam o aramaico, que era a língua oficial do Império Persa. A maioria já tinha esquecido o hebraico, e, em termos religiosos, esta situação era bastante problemática, pois o fato de não entenderem mais a língua em que os seus textos sagrados haviam sido originalmente escritos bloqueava o acesso à mensagem da divindade. Sendo assim, parece que foi a partir da união desses fatores que surgiu a primeira necessidade de se traduzir o Tanakh. Deslile e Woodsworth (1998, p. 172) postulam que foi o sacerdote Esdras que deu início à prática de se traduzir os textos sagrados do judaísmo para o aramaico, traduções que, a princípio, eram feitas apenas oralmente, conforme exemplo apresentado na seção anterior (Neemias 8:1-8). Mais tarde, elas passaram a ser feitas por escrito.

#### 1.3.2 – Os Manuscritos do Mar Morto

Trata-se de manuscritos bíblicos em hebraico e grego descobertos

nas décadas de 1940 e 1950, em Wadi Qumran, Israel. De acordo com Norton (1998, p. 185-186), tais descobertas foram valiosíssimas para os estudos comparativos do texto bíblico, visto que os documentos em hebraico, lá encontrados, são cerca de mil anos mais velhos do que o manuscrito completo mais antigo do Tanakh disponível até então – o Códice de Leningrado, produzido em 1008 d.C, conforme Francisco (2002, p. 23), o que os torna o testemunho mais antigo e importante para o AT. Visto que a localidade em que foram descobertos (Wadi Qumran) fica próxima do Mar Morto, os documentos são mais comumente chamados de *Manuscritos do Mar Morto*.

### **1.3.3 - O Pentateuco Samaritano**

O Pentateuco Samaritano, como o próprio nome indica, contém apenas os cinco primeiros livros da Bíblia: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Silva (1986, p. 49) e Geisler e Nix (1997, p. 100) registram que a escrita do Pentateuco Samaritano deve-se ao rompimento dos judeus com os samaritanos, que ocorreu por volta de 432 a.C. Três foram as principais consequências desse rompimento: 1) os samaritanos passaram a viver em comunidades isoladas; 2) construíram um templo rival ao de Jerusalém, no Monte Gerizim, e 3) criaram sua versão particular das escrituras. Como eles só aceitavam a Torá (o Pentateuco das Bíblias cristãs) como texto divinamente inspirado, ela começou a ser submetida a uma tradição textual à parte daquela dos rabinos judeus, culminando na produção do que os estudiosos da Bíblia chamam hoje de *Pentateuco Samaritano*.

### **1.3.4 – Os Manuscritos da Sinagoga do Cairo**

De acordo com Norton (1998, p. 192), os manuscritos enquadrados nessa categoria foram descobertos no final do século XIX, na guenizá de uma antiga sinagoga do Cairo, Egito. A guenizá era o espaço reservado nas sinagogas para guardar os manuscritos do Tanakh gastos e danificados pelo uso. Quando estava cheia, os judeus tinham o costume de esvaziá-la e enterrar todos os materiais nela contidos. No caso da antiga sinagoga do Cairo, seus documentos não tiveram esse destino e lá ficaram armazenados por muito tempo, em virtude de o acesso à guenizá ter sido lacrado com tijolos, fazendo com que ficassem ali esquecidos por vários séculos, após a desativação do templo. Norton (1998, p. 192) informa que os manuscritos descobertos na sinagoga do Cairo foram produzidos entre VI d.C. e VIII d.C.

## 1.4 – OS MANUSCRITOS MAIS ANTIGOS DA BÍBLIA: NOVO TESTAMENTO

No AT, parece que a fidelidade ao texto autógrafa era garantida pelo rigoroso processo que os escribas tinham de seguir quando estavam produzindo uma cópia. Quanto às cópias do NT, Silva (1986, p. 45) diz que o principal fator que garante a autenticidade delas ao que se considera ser a redação autógrafa<sup>12</sup> é justamente os mais de 5000 manuscritos, quase 100% concordantes entre si, disponíveis atualmente. No entanto, ao contrário das cópias do AT, as do NT estão classificadas em uma grande categoria, denominada *textos locais*.

De acordo com Paroschi (1999, p. 82), nos primeiros séculos do cristianismo, os centros cristãos mais influentes tendiam a desenvolver e a preservar seu tipo particular de texto da Bíblia. Como os primeiros centros cristãos influentes estavam espalhados por regiões distintas, acabaram surgindo em cada um deles determinadas cópias manuscritas do NT, as quais os especialistas observam apresentarem as mesmas similaridades e diferenças textuais, bem como as mesmas variantes, que discutiremos no capítulo II. Esses são os chamados *textos locais*, que se dividem nos seguintes quatro grupos, cuja nomenclatura tomou como base o local em que provavelmente as cópias foram produzidas: *alexandrino, ocidental, cesariense e bizantino*.

### 1.4.1 – Texto alexandrino

Trebolle Barrera (1999, p. 413) e Hale (1983, p. 36) postulam que os manuscritos pertencentes à tradição alexandrina são tidos como os mais fidedignos ao que se considera ser a redação autógrafa e os que melhor preservaram o texto do NT, devido a não apresentarem as mudanças gramaticais e estilísticas que são observadas na tradição cesariense, e, em maior quantidade, na bizantina. Paroschi (1999, p. 84), além de ratificar o que é dito acima por Trebolle Barrera e Hale, acrescenta que o texto alexandrino se distancia do que teria sido a forma autógrafa dos livros do NT em não mais do que 2% ou 3%. Os principais representantes da tradição alexandrina são o *Códice Sináitico* e o *Códice Vaticano*:

---

<sup>12</sup> Tendo em vista que os manuscritos autógrafos da Bíblia se perderam, ou seja, aqueles que traziam o texto tal como saiu das mãos dos autores dos livros, não há como saber qual era a redação original de uma determinada passagem problemática, que varia de manuscrito para manuscrito. Sendo assim, o que hoje se denomina “redação autógrafa” é, na verdade, a redação que os especialistas consideram ser a original.

- a) Códice Sinaítico: é o manuscrito mais antigo que existe a trazer todos os livros do NT, conforme assinala Paroschi (1999, p. 48). Uma parte do códice foi descoberta em 1844, e a outra, em 1859, por Tischendorf, estudioso da Bíblia, ambas em um mosteiro localizado em Israel, na encosta do Monte Sinai, de onde provém o nome do manuscrito. Estima-se que este códice foi produzido no Egito, provavelmente em Alexandria, na primeira metade do século IV d.C.;
- b) Códice Vaticano: provavelmente foi escrito em Alexandria, também na primeira metade do século IV d.C. Paroschi (1999, p. 50) informa que, desde o século XV, este códice está na Biblioteca do Vaticano, de onde provém o seu nome, e que, durante quase quatro séculos, o Vaticano não permitiu que fosse publicado e estudado, fato que, inclusive, impediu que esse importante manuscrito servisse de base para as traduções da Bíblia feitas nesses quase quatrocentos anos. Foi somente em 1857 que o Códice Vaticano foi publicado pela primeira vez.

#### 1.4.2 – Texto ocidental

Enquadram-se nessa categoria os manuscritos neotestamentários produzidos na Europa Ocidental e no norte do Egito. Segundo Paroschi (1999, p. 84-85), a paráfrase é a principal característica do texto ocidental, visto que palavras, frases e até passagens inteiras foram alteradas, omitidas ou acrescentadas, principalmente nos evangelhos e em Atos dos Apóstolos, livros cujo texto foi submetido a modificações bastante significativas. É provável que seja por isso que Paroschi (1999, p. 85) sugere que, dos textos locais, o ocidental é o que tem menos valor para a reconstituição do texto bíblico, embora ele ressalte que isso não deva ser tomado como regra absoluta, pois o texto ocidental pode ter conservado determinadas formas tidas como autógrafas que não são encontradas nem mesmo na tradição alexandrina. Os principais representantes do texto ocidental são o *Códice Beza* e o *Códice Claromontano*:

- a) Códice Beza: escrito provavelmente em meados de 500 d.C., no sul da Gália ou no norte da Itália, segundo informa Treballe Barrera (1999, p. 408). É um códice bilíngüe do NT, contendo o texto grego, à esquerda, e a tradução em latim, à direita. O manuscrito acabou sendo batizado com o sobrenome do seu último dono, o teólogo

Teodoro Beza, discípulo e sucessor de João Calvino, em Genebra;

- b) Códice Claromontano: produzido no século VI, provavelmente em Sardenha, na Itália, conforme Hale (1983, p. 33). Também é um códice bilíngüe do NT: contém o texto grego, acompanhado da tradução latina. O nome “claromontano” deve-se ao fato de o códice ter sido descoberto no Mosteiro de Clermont, na França;

### 1.4.3 – Texto cesariense

De acordo com Hale (1983, p. 36) e Paroschi (1999, p. 86), o texto cesariense e o alexandrino podem ter origem comum, provavelmente porque a matriz que serviu de base para as cópias dos manuscritos cesarienses foi produzida no Egito, onde circulava a forma textual mais antiga que se tem conhecimento, preservada nos manuscritos da tradição alexandrina. Essa matriz produzida no Egito teria sido levada para Cesareia, onde novas cópias começaram a ser feitas a partir dela, dando origem à forma textual cesariense. Com relação às características textuais, Paroschi (1999, p. 86) informa que os manuscritos da tradição cesariense são uma mescla das formas alexandrina e ocidental, estando mais próximos da ocidental, mas sem apresentar as paráfrases que lhe são características. O *Códice Washingtoniano* (no trecho 5:31 – 16:20 do Evangelho de Marcos) é um dos principais representantes do texto cesariense:

- a) Códice Washingtoniano: escrito por volta de 400 d.C., conforme Geisler e Nix (1997, p. 78). Uma das características mais notáveis desse códice é ser o único manuscrito do NT, segundo Paroschi (1999, p. 52), a trazer um longo relato após Marcos 16:14, que parece ter sido incluído aí com o objetivo de suavizar a repreensão que Cristo fizera aos seus discípulos. Paroschi (1999, p. 52) diz que, apesar de esse relato ser apócrifo, Jerônimo registra na sua obra *Diálogo contra os pelagianos* tê-lo encontrado em certos manuscritos gregos do NT.

### 1.4.4 – Texto bizantino

E, por último, temos o texto bizantino, que é a forma textual do NT mais recente de todas. Conforme Paroschi (1999, p. 87), o texto bizantino pode ter se originado em Antioquia, a partir de uma revisão de antigos textos locais, feita pelo mártir Luciano. Essa revisão teria sido

levada para Constantinopla, de acordo com Hale (1983, p. 36), quando foi amplamente reproduzida e difundida pelo Império Bizantino. Segundo Treballe Barrera (1999, p. 414) e Paroschi (1999, p. 88), as principais características do texto bizantino é trazer variantes duplas, aprimoramentos estilísticos, acréscimo de breves interpolações para facilitar a interpretação, modernização gramatical e de vocabulário, união de duas ou mais formas, resultando em uma forma expandida, e a harmonização de passagens paralelas.

Além disso, Paroschi (1999, p. 88) ressalta que os textos da tradição bizantina agregam elementos das tradições alexandrina, ocidental e cesariense, chegando a combiná-los em uma única narrativa, mais completa, mais bem elaborada, e com um certo ar de elegância acadêmica, o que torna o texto mais fluente e fácil de ser lido. Como se trata de um texto mesclado, de origem tardia, isso certamente elimina quase todas as possibilidades de se encontrar alguma suposta forma autógrafa no texto bizantino. Apesar disso tudo, Paroschi (1999, p. 88) observa que o texto bizantino foi o mais aceito e o que mais circulou, chegando mesmo a se tornar uma espécie de texto padrão do NT, o que é evidenciado pelo fato de a grande massa das cópias em grego da segunda parte da Bíblia trazer o texto bizantino. Os representantes mais famosos dessa tradição são o *Códice Alexandrino* (somente nos evangelhos) e o *Códice Efraimita*.

- a) Códice Alexandrino: produzido no início do século V d.C., provavelmente no Egito, segundo informa Paroschi (1999, p. 48-49). De acordo com Geisler e Nix (1997, p. 77), o manuscrito foi dado de presente ao patriarca de Alexandria, em 1078 d.C., que o batizou com o nome que leva até hoje. Hale (1983, p. 33) informa que é neste manuscrito que está preservado o melhor texto grego para o livro do Apocalipse;
- b) Códice Efraimita: produzido no século V d.C., provavelmente no Egito, conforme nos diz Paroschi (1999, p. 50). Trata-se de um palimpsesto<sup>13</sup>, cujo primeiro texto, que continha toda a Bíblia, em grego, foi raspado no século XII, com o objetivo de fornecer material para escreverem várias obras de Efraim, o sírio, um dos pais da Igreja, personalidade de cujo nome provém o título dado ao códice.

---

<sup>13</sup> Denomina-se palimpsesto o material de escrita utilizado na antiguidade, especialmente o pergaminho, que, devido à sua escassez, tinha o texto primitivo raspado, a fim de dar lugar a outro.

Mas a escrita original (a que traz o texto bíblico) foi decifrada quase na sua totalidade, por Tischendorf.

Enfim, em matéria de texto bíblico nas línguas em que foi originalmente escrito, deve ficar claro que não há um original ao qual se possa comparar os manuscritos (cópias) que apresentamos acima, já que os autógrafos se perderam. Deste modo, os originais são, na verdade, os próprios manuscritos que acabamos de apresentar, por serem os testemunhos mais antigos que se tem conhecimento para o texto da Bíblia, sendo a partir do incessante estudo, comparação e análise de tais manuscritos e de tantos outros mais que os especialistas estabelecem a fonte para as traduções do livro sagrado do cristianismo, como veremos a seguir.

## **2 – RECONSTITUIÇÃO E PADRONIZAÇÃO DO TEXTO BÍBLICO**

Neste capítulo, apresentamos três grandes tópicos. No primeiro, discutimos a vulnerabilidade a que esteve sujeito o texto bíblico, quando foi copiado e recopiado inúmeras vezes. No segundo, abordamos as modificações que surgiram em decorrência dessa vulnerabilidade, e cuja origem está no trabalho dos escribas. A abordagem dessas modificações se faz necessária não só para sabermos os tipos de mudanças que o texto bíblico sofreu durante todo o tempo que foi copiado, mas também para entendermos o porquê de haver necessidade de compilar um texto que sirva de fonte para as traduções da Bíblia, tema que vem logo em seguida, no terceiro grande tópico. Este último subdivide-se em três outros subtópicos, nos quais apresentamos: 1) algumas considerações sobre a ciência da crítica textual e a importância dela no estabelecimento de um texto-fonte para as traduções da Bíblia; 2) as três traduções bíblicas antigas mais utilizadas no tratamento e na recuperação de passagens problemáticas do texto em língua original; 3) os principais textos padronizados disponíveis aos tradutores.

### **2.1 – A VULNERABILIDADE DO TEXTO BÍBLICO**

Sem dúvida, um dos primeiros pontos que salta à vista em matéria de tradução da Bíblia é qual o texto-fonte que os tradutores utilizam, uma vez que estamos falando de escritos que percorreram um caminho que, de acordo com White (2007, p. 8), começou a ser traçado nos tempos de Moisés, personagem bíblico que viveu, conforme Reese e Klassen (2003, p. 101, 255), de 1543 a.C. a 1423 a.C. Deste modo, White (2007, p. 8) diz que foi durante os anos da vida de Moisés que provavelmente começaram a ser escritos os textos que formam o AT. Tais textos continuaram sendo transmitidos pelos séculos que se seguiram, até chegarem ao tempo dos apóstolos (século I d.C.), quando se juntaram aos escritos que formariam a segunda coletânea, ou seja, o NT.

Uma vez juntos, AT e NT se propagaram ao longo dos séculos seguintes até chegarem aos nossos dias. Levando em conta que o texto do AT vem sendo transmitido, de acordo com White (2007, p. 8), há quase três milênios e meio, e o do NT, por mais de dois milênios, é totalmente justificável que se questione em que medida e de que maneira o texto-fonte que serve de base para as traduções da Bíblia feitas atualmente, em pleno século XXI, relaciona-se com os

manuscritos abordados no capítulo anterior, que são os principais representantes dos textos originais que se perderam, escritos naqueles tempos tão remotos. Para responder esta questão, é necessário ter em mente, em primeiro lugar, que já não existem mais os manuscritos autógrafos, ou seja, aqueles que contêm a forma textual que saiu das mãos dos escritores dos livros bíblicos, e os mais antigos documentos que trazem o texto da Bíblia são cópias de uma infinidade de outras cópias, produzidas séculos depois de os autores terem escrito os livros.

Como a Bíblia nas línguas em que foi originalmente escrita, para ser difundida, dependeu essencialmente de cópias que dela foram feitas ao longo de tanto tempo, os copistas acabaram introduzindo alterações no texto, algo que foi inevitável de acontecer, conforme nos diz Trebolle Barrera (1999, p. 439):

O processo de transmissão manuscrita de um texto, sobretudo se prolongado ao longo de muitos séculos e estendido sobre zonas geográficas muito distantes, não pode deixar de introduzir numerosas mudanças no texto, umas acidentais, outras intencionadas. [...] Ao longo de todo esse tempo, acumularam-se [...] erros acidentais [...] e alterações deliberadas, introduzidas pelos próprios copistas, por glosadores e intérpretes.

A consequência disso é que praticamente todos os manuscritos bíblicos em língua original de que dispomos não concordam 100% entre si em todo o texto. Ou seja, há determinadas passagens que diferem de um manuscrito para outro. Conforme Sayão (2003, p. III),

quando isso acontece, é necessário buscar a ajuda da crítica textual, ciência que desenvolveu critérios objetivos e científicos de avaliação do texto bíblico. Com base no resultado desses estudos criteriosos, é possível optar corretamente por uma variante textual. Portanto, todo tradutor da Bíblia tem como primeiro problema avaliar as variantes textuais dos manuscritos bíblicos e tomar decisões com base nessa avaliação.

As passagens bíblicas divergentes, de acordo com Gabel e Wheeler (1993, p. 214), são chamadas de *variantes textuais* ou *leituras variantes*, e há centenas delas. No entanto, se for feita uma comparação, as do AT são bastante escassas em relação às do NT. Segundo Geisler e

Nix (1997, p. 92), essa diferença quantitativa é devida, principalmente, a três motivos:

- a) as cópias do AT eram feitas a partir de uma única tradição hebraica manuscrita, o que reduzia consideravelmente o aparecimento de manuscritos com variações no texto;
- b) os manuscritos do AT eram copiados por escribas profissionais, que seguiam regras bastante rigorosas;
- c) os escribas judeus tinham o hábito de destruir as cópias que apresentavam erros ou variações textuais.

É provável que esses três fatores tenham sido os responsáveis por reduzir, em grande escala, as variações que hoje são encontradas nos manuscritos do AT. Já o NT merece algumas considerações a parte, pois é nele que encontramos a maioria das variantes textuais da Bíblia. A propósito, Geisler e Nix (1997, p. 92) informam que, cada vez que é descoberta uma nova cópia de um manuscrito neotestamentário, aumenta o número de variantes catalogadas da segunda parte da Bíblia. Comfort (1998, p. 217) fornece o motivo que parece ter desencadeado essa diferença quantitativa. De acordo com esse autor, no período inicial da transmissão por escrito do NT,

houve aqueles copistas que transcreviam o texto com fidelidade e reverência, ou seja, reconheciam que estavam copiando um texto sagrado escrito por um apóstolo. [...] Contudo, outros copistas sentiam-se desimpedidos para fazer “melhoramentos” no texto, quer no interesse da doutrina e harmonização, quer por causa da influência de uma tradição oral competitiva.

À medida que o tempo passava, foram surgindo mais alterações no texto do NT. Treballe Barrera (1999, p. 398) fornece mais um dos motivos que possivelmente contribuiu para as variantes do NT terem se multiplicado mais do que as do AT: os escribas neotestamentários não demonstravam interesse pela forma textual autógrafa, considerada tão importante pelos especialistas da atualidade, visto que tais escribas estavam mais preocupados em produzir cópias que estivessem de acordo com a leitura que a tradição eclesiástica fazia do texto bíblico. Também havia aqueles que tendiam a “melhorar” o texto, corrigindo tudo que

julgassem serem erros cometidos pelos escribas anteriores, bem como eliminando as passagens que acreditavam serem inconvenientes ao texto sagrado.

Com o tempo, a situação se tornou bastante problemática, pois, de acordo com Paroschi (1999, p. 16), as cópias do NT acabavam se convertendo em textos originais. Conseqüentemente, as variantes acabaram aumentando, pois cada escriba acrescentava as próprias modificações àquelas já incluídas pelos escribas anteriores. Além disso, Trebolle Barrera (1999, p. 396) postula que, além dos milhares de manuscritos gregos do NT que foram se acumulando, havia também os mais de dez mil manuscritos das traduções antigas da Bíblia e milhares de citações aos textos bíblicos contidas nos antigos documentos da Igreja. O resultado é que todo esse material (manuscritos em grego, traduções antigas e citações da Igreja) fez com que as variantes do NT se multiplicassem ainda mais.

Mas é essencial ter em mente que isso não significa que os textos autógrafos da segunda parte da Bíblia tenham se perdido. Pelo contrário, Trebolle Barrera (1999, p. 397, 466) observa que, na imensa maioria dos casos, o que os especialistas consideram ser a redação autógrafa está sempre conservado num ou noutro dos manuscritos neotestamentários que chegaram até nós. Esse autor ainda diz que é aí que entra em ação a ciência da crítica textual, com o objetivo de recuperar o texto tal como saiu das mãos do autor, analisando o processo de transmissão e tratando de purificar o texto das alterações introduzidas ao longo do processo. Contudo, segundo Norton (1998, p. 207), convém esclarecer que a crítica textual só é aplicada no texto bíblico quando há duas ou mais formas para uma determinada palavra, frase ou excerto, ou seja, não é necessário aplicá-la às passagens que não apresentam variantes.

## 2.2 – TIPOS DE MODIFICAÇÕES: ORIGEM DAS VARIANTES NOS MANUSCRITOS DA BÍBLIA

*Se se encontrar algum erro ou omissão que contradiz o sentido, não se há de imputar isso à minha pessoa, mas a vossos servos. São fruto da ignorância ou descuido dos copistas, que não escrevem o que encontram, mas o que eles consideram ser o sentido, e não expõem senão seus próprios erros, quando tratam de corrigir os alheios.*<sup>14</sup>

<sup>14</sup> De acordo com Trebolle Barrera (1999, p. 485), este é um trecho da carta que Jerônimo

De acordo com Cambraia (2005, p. 2, 6-7), as modificações a que os textos estão sujeitos ao longo do processo de sua transmissão foram distribuídas em duas grandes categorias: *exógenas* e *endógenas*. As exógenas são aquelas ocasionadas essencialmente pela corrupção do material usado para registrar o texto, que diz respeito tanto ao suporte (papel, papiro, pergaminho, etc) quanto à matéria aparente (tinta, grafite, etc). Ou seja, a origem das modificações exógenas é externa, uma vez que elas não dependem do copista, pois mesmo que ele fizesse a cópia 100% idêntica ao original, o texto ainda estaria sujeito a corrupções, causadas tanto por defeitos no material utilizado como por agentes externos (umidade, calor, insetos, fogo, vandalismo, etc).

Já as modificações endógenas são aquelas derivadas do ato de reprodução do texto em si, quando este é copiado. A origem delas é interna, e são causadas exclusivamente por quem copia o texto. As endógenas se dividem em *autorais* (quando são realizadas pelo próprio autor do texto) e *não-autorais* (quando são fruto da atividade de terceiros). E, finalmente, as não-autorais se subdividem em *voluntárias* (que ocorrem por ato deliberado do copista) e *involuntárias* (que ocorrem por lapso de quem está produzindo a cópia). De acordo com Treballe Barrera (1999, p. 397), a maioria das variantes encontradas nos manuscritos da Bíblia é oriunda de alterações de copistas, o que é confirmado por Gabel e Wheeler (1993, p. 214). Sendo assim, é possível que grande parte das alterações que o texto bíblico sofreu ao longo dos séculos diga respeito a modificações endógenas não-autorais, tanto voluntárias quanto involuntárias, as quais abordaremos a seguir.

### **2.2.1 – Mudanças involuntárias**

Geisler e Nix (1997, p. 93-94) postulam que a maioria das variações encontradas nos manuscritos bíblicos diz respeito a mudanças involuntárias, oriundas de erros acidentais cometidos pelos escribas no momento em que o manuscrito estava sendo copiado. Geisler e Nix (1997, p. 93) e Hale (1983, p. 30) afirmam que os erros acidentais são todos oriundos do processo mecânico de transcrição do texto, processo esse que dependia quase que exclusivamente dos sentidos do escriba para que o texto copiado saísse isento de erros. Aqui é válido lembrar que a imprensa surgiu apenas no século XV, e, antes dessa época, as cópias dos livros bíblicos tinham de ser todas feitas a mão. Era um

---

remeteu a um rico hispano da sua época, chamado Lucínio, quanto este lhe enviou seis escribas, a fim de copiarem algumas obras do autor da Vulgata.

trabalho que exigia tempo e paciência. Entretanto, seria ilusório achar que todos os encarregados de copiar os textos da Bíblia tinham todos os sentidos perfeitos, a ponto de produzir um manuscrito exatamente igual ao que estava servindo de base para a cópia. Convém admitir que isso muitas vezes não acontecia, em especial nos chamados *scriptoria*, que eram locais especializados em copiar manuscritos bíblicos. Conforme diz Hale (1983, p. 30), em tais lugares, além dos profissionais que copiavam, havia os que liam e corrigiam todas as cópias que eram feitas. Porém, no caso das igrejas financeiramente limitadas, muitas vezes as cópias eram feitas às pressas e ainda sem serem submetidas a uma revisão minuciosa, e esse é mais um dos motivos que desencadeavam as variantes que surgiam nos manuscritos copiados, variantes essas que acabavam aumentando, à medida que as cópias com essas características serviam de base para novas cópias, como visto na seção 2.1.

Geisler e Nix (1997, p. 93) e Hale (1983, p. 30) informam que as alterações textuais involuntárias encontradas nos manuscritos bíblicos são devidas à imperfeição dos sentidos do ser humano, no que tange a três aspectos: visão, audição e o próprio ato de escrever. As mais conhecidas foram classificadas em seis categorias:

- a) letras similares: erro que se originava quando o escriba confundia letras que têm grafias parecidas. No AT, as letras do alfabeto hebraico  $\daleth$  e  $\varkappa$  e  $\beth$  e  $\daleth$  eram as que causavam mais confusão, pois têm grafia quase idêntica, como podemos notar. E no NT, a letra grega M, quando escrita em estilo uncial<sup>15</sup>, era frequentemente confundida com duas letras  $\Lambda$  juntas ( $\Lambda\Lambda$ ), e vice-versa;
- b) palavras homófonas: temos esse tipo de alteração involuntária quando um dos encarregados de produzir a cópia ditava o texto, e outro, copiava. Sendo assim, o que estava copiando ouvia uma palavra e a transcrevia, sem saber que estava, na verdade, escrevendo outra que tinha o mesmo som, mas significado diferente;
- c) transposição de letras ou palavras (metátese): erro que se originava quando o copista trocava a posição de duas letras de uma palavra, formando outra de significado diferente, ou ainda quando ele trocava

---

<sup>15</sup> Denomina-se uncial o estilo de escrita em que os textos são elaborados somente com letras maiúsculas e de tamanho grande, sem emenda entre elas e sem espaço entre as palavras, além de não haver pontuação nem acentuação. A escrita uncial pode ser comparada a um texto todo escrito em caixa alta, sem espaço entre as palavras, sem acentos e sem nenhuma pontuação.

a posição de duas palavras de uma sentença. Tecnicamente, a crítica textual chama de *metátese* este tipo de mudança involuntária;

- d) haplografia (omissão): quando o copista omitiu sequências de palavras ou até linhas inteiras do texto bíblico, temos a chamada *haplografia*, que pode ser por *homoioarcton* ou por *homoiooteleton*. A haplografia por *homoioarcton* ocorria quando o copista pulava de uma palavra para outra que começava com as mesmas letras, situada na mesma linha ou em algumas linhas abaixo, omitindo todo o trecho que as separava. Na haplografia por *homoiooteleton*, a diferença é que o copista saltava para uma palavra que terminava com as mesmas letras;
- e) ditografia (repetição): é o erro oposto à haplografia: ao invés de omitir palavras ou trechos, o escriba os copiava mais de uma vez. Há manuscritos que trazem casos de repetição de letras, de palavras e de até frases inteiras;
- f) divisão ou união incorreta de palavras: apesar de parecerem estranhas hoje em dia, Treballe Barrera (1999, p. 444) observa que talvez esse fosse o erro a que os escribas mais estavam sujeitos, pois tanto na escrita consonântica hebraica quanto na uncial e na cursiva gregas o texto era copiado sem espaço entre as palavras. Dessa forma, o copista que não trabalhasse com a devida atenção podia muito bem dividir uma palavra em duas ou unir duas palavras em uma só, o que acabava alterando o sentido do texto.

### 2.2.2 – Mudanças voluntárias

Algumas das variantes textuais que aparecem nos manuscritos bíblicos são advindas de alterações feitas conscientemente pelos copistas. De acordo com Hale (1983, p. 30), no caso específico do NT, os críticos textuais estimam que, de cada oito palavras, uma possui algum tipo de modificação, o que significa que foram conservados 7/8 das palavras que originalmente compunham o que se considera ser a redação autógrafa da segunda parte da Bíblia. Ele ainda diz que a maioria das variantes que constituem essas alterações diz respeito aos erros involuntários que acabamos de discutir. As mudanças voluntárias mais conhecidas que constam nos manuscritos bíblicos foram classificadas de acordo com os motivos que levaram o copista a alterar o texto:

- a) vulgarização ou modernização: enquadram-se nessa categoria todas as alterações intencionais feitas com vistas a atualizar a linguagem, a ortografia e a gramática do texto bíblico;
- b) assimilação de passagens paralelas: quando o escriba acrescentou intencionalmente algo que não consta em determinada passagem, mas que aparece em outra que faz parte do contexto imediato, temos o que a crítica textual chama de *assimilação de passagens paralelas*;
- c) alterações por motivos morais, doutrinários e teológicos: as variantes aqui agrupadas originaram-se da intenção dos escribas de tornar determinadas passagens mais adequadas às doutrinas, à teologia e aos costumes morais subjacentes aos ensinamentos da mensagem da Bíblia;
- d) glosas: são acréscimos redacionais que os escribas incluíram no texto bíblico, com o objetivo de comentar, explicar ou enfatizar determinada passagem;
- e) acréscimo de epítetos: as variantes intencionais dessa categoria, que aparecem exclusivamente no AT, dizem respeito aos epítetos (palavras ou expressões que denotam atributos), que os escribas incluíram no texto hebraico a fim de qualificar o nome da divindade;
- f) fusão de leituras (conflação): as variantes classificadas como *fusão de leituras* (ou *conflação*, termo técnico cunhado pelos críticos textuais) são típicas dos manuscritos bíblicos mais recentes, sendo que a maioria dos casos encontra-se no NT. Ao que parece, a fusão de leituras surgiu da intenção dos escribas de produzirem manuscritos que contemplassem as variantes relativas a um determinado trecho, que não era exatamente idêntico nas matrizes que eles dispunham para produzirem a cópia. Sendo assim, provavelmente para não perder informação, eles reuniam todas as variantes de uma passagem e as harmonizavam, formando um único texto.

### 2.3 – A CIÊNCIA DA CRÍTICA TEXTUAL

Se foram introduzidas nas cópias manuscritas da Bíblia disponíveis atualmente todas as alterações voluntárias e involuntárias que acabamos de ver, fazendo com que nem todos os manuscritos concordem 100% entre si em determinadas passagens, então qual texto é levado em conta nas traduções da Bíblia? Quem nos fornece a resposta é

Gabel e Wheeler (1993, p. 213). Eles dizem que, na verdade, as traduções da Bíblia que são feitas pelo mundo tomam como base obras compiladas por estudiosos, a partir de centenas de manuscritos disponíveis. Essas obras compiladas objetivam fazer uma proposta do que teria sido a redação autógrafa dos livros da Bíblia, tal como saiu das mãos dos escritores. A ciência que se ocupa dessa tarefa denomina-se *crítica textual*, sendo menos comumente chamada de *ecdótica*. Essa ciência não se restringe somente à Bíblia, mas a qualquer obra da literatura antiga cujo texto autógrafa tenha sido submetido a eventuais alterações no processo de transmissão, através de sucessivas cópias, sobretudo, conforme observa Paroschi (1999, p. 13), antes da invenção da imprensa, no século XV.

De acordo com Cambraia (2005, p. 1), um dado básico para entender o escopo da ciência da crítica textual é o fato de que um texto sofre alterações inevitáveis quando copiado sucessivamente, e que, a cada cópia que se faz, muda a sua constituição. Isso significa que o texto que temos hoje de uma determinada obra da antiguidade não é 100% idêntico ao seu autógrafa. E é justamente em cima desse fato empírico que a crítica textual estabeleceu o seu objetivo: restituir a forma mais próxima possível do que seriam os originais dos textos antigos. Conforme Treballe Barrera (1999, p. 439), essa ciência estuda o processo de transmissão do texto a partir do momento em que foi escrito, examinando todas as variantes conservadas nos manuscritos disponíveis e selecionando aquelas com maior probabilidade de corresponderem ao que se acredita ser a redação autógrafa.

Sendo assim, os críticos textuais que se dedicam à Bíblia têm se empenhado em realizar uma complexa tarefa, com o intuito de recuperar o que teria sido o texto original dessa obra, por meio de uma cuidadosa comparação entre os manuscritos, desde as cópias mais antigas, que são consideradas as mais confiáveis, até as mais recentes, que são vistas como de menor relevância, porém fundamentais para o estudo comparativo. Desde então, a crítica textual tem trabalhado para definir, em meio a tantas cópias manuscritas, num processo que se estende até hoje, o texto-fonte que melhor reproduza o que teria sido a redação original dos livros que compõem a Bíblia.

Consideram os especialistas que, quanto mais antiga for a cópia, mais próxima ela estará do que eles julgam ser a redação autógrafa. Além disso, apesar de haver várias propostas de padronização do texto bíblico, Gabel e Wheeler (1993, p. 213) observam que não há unanimidade entre os estudiosos sobre qual texto deveria ser usado nas traduções da Bíblia. Assim, cada tradução refletirá as especificidades da

edição crítica que lhe servir de texto-fonte, e as edições críticas, por sua vez, refletem as especificidades das cópias manuscritas que lhe serviram de base.

### **2.3.1 – Traduções antigas: auxílio na resolução dos problemas do texto bíblico**

No capítulo I, apresentamos os manuscritos mais antigos a trazerem o texto bíblico nos idiomas originais, sendo eles a base primeira para o estabelecimento da fonte para os trabalhos de tradução. No entanto, muitos desses manuscritos, tanto os do AT quanto os do NT, apresentam determinadas dificuldades textuais que são insuperáveis, como ressalta, por exemplo, o paratexto da Bíblia de Jerusalém (2002, p. 13). Sendo assim, para superá-las, os especialistas costumam recorrer às antigas traduções da Bíblia, que são, na verdade, outra importante fonte utilizada na reconstituição do que eles julgam ser o texto autógrafa, uma vez que essas traduções remontam a antigos manuscritos gregos e hebraicos, hoje perdidos. Sendo assim, Paroschi (1999, p. 59) observa que o valor das antigas traduções para a reconstituição do texto bíblico não está nelas mesmas, mas no testemunho que elas fornecem dos textos de que foram traduzidas.

Isto posto, de acordo com Kaschel e Zimmer (1999, p. 306), devido à antiguidade, as traduções de maior valor para os estudos críticos referentes ao texto e à interpretação da Bíblia são a *Septuaginta*, a *Peshitta* e a *Vulgata*.

#### **2.3.1.1 – A Septuaginta**

No século III a.C., em Alexandria, no Egito, começou a ser feita a tradução do Tanakh que mais se destacou na história do judaísmo e do cristianismo. Essa tradução é intitulada *Septuaginta*, e é também conhecida por *Versão dos Setenta* e pelos algarismos romanos LXX. Quanto à sua origem, há duas variantes: uma lendária e outra mais realista. A versão lendária chegou até nós essencialmente por intermédio da carta de Aristeias, documento hoje tido como apócrifo, escrito por volta de 130 a.C. A carta inicia o relato sobre a origem da Septuaginta dizendo que o general Ptolomeu II Filadelfo, que governou o Egito de 285 a.C. a 247 a.C., fundou uma grande biblioteca em Alexandria, que pretendia torná-la a mais completa do mundo. Para tanto, seu bibliotecário, Demétrio de Falera, considerava que estava faltando, no seu amplo acervo, uma versão em grego da lei dos judeus, contida nas

páginas da Torá, que, até então, estava disponível somente em hebraico e aramaico.

Conforme Deslile e Woodsworth (1998, p. 173), a carta diz que Ptolomeu II Filadelfo, atendendo às orientações do seu bibliotecário, enviou o próprio Aristeias a Jerusalém, com o objetivo de pedir a Eleazar, sumo sacerdote daquela época, que mandasse uma equipe de estudiosos judeus à Alexandria, a fim de traduzirem a Torá para o grego. Eleazar, então, teria convocado seis judeus de cada uma das doze tribos de Israel, totalizando 72 estudiosos, que eram conhecedores profundos do hebraico, do grego e dos ensinamentos da Torá, além de estarem familiarizados com a cultura helênica. Estava, pois, formado o seletivo grupo que se encarregaria de realizar a tarefa solicitada pelo rei do Egito.

A versão lendária do surgimento da Septuaginta também foi narrada com algumas variantes por Fílon de Alexandria, na obra *De Vita Mosis*. De acordo com Torre (2001, p. 19), Fílon afirma que o local escolhido para os 72 estudiosos foi a Ilha de Faros, localizada defronte à própria Alexandria, por acreditar-se que era um ambiente arejado e livre das “impurezas” da cidade, e que cada um, com sua cópia da Torá, teria trabalhado separado do outro. Após a conclusão da tarefa, teria-se constatado que as traduções eram exatamente iguais, sem variar em uma palavra sequer, o que fez os dois textos (o hebraico e o grego) serem vistos como irmãos, e os tradutores serem considerados profetas, guiados pelo mesmo espírito que inspirou Moisés.

Essa foi a versão lendária da origem dos cinco primeiros livros que compõem a Septuaginta. Mas, conforme observam Deslile e Woodsworth (1998, p. 173), essa lenda não deixa de ter seu fundo de verdade, provavelmente no que diz respeito à época em que a tradução começou a ser feita, a saber, durante o reinado de Ptolomeu II Filadelfo (287 a.C. – 245 a.C.). Sobre o fator que desencadeou as traduções dos livros do Tanakh para o grego, Torre (2001, p. 19) afirma que, no

século III a.C., muitos judeus da diáspora estavam perfeitamente integrados na cultura helenística do mediterrâneo centro-oriental. Em todo o Egito, sobretudo em Alexandria, havia uma importante colônia de judeus, que, além de falar o grego, tinha bastante dificuldade de entender o hebraico. Portanto, não é de se estranhar que sentiu-se a necessidade de se traduzir os textos sagrados para o grego.

Dessa forma, é provável que a iniciativa de verter a Torá para o grego partiu da própria colônia judaica de Alexandria, a fim de atender às suas necessidades litúrgicas, e não para fazer parte da biblioteca de Ptolomeu II Filadelfo. De acordo com Deslile e Woodsworth (1998, p. 174), a tradução de todos os livros do Tanakh para o grego ocorreu entre 275 a.C. e 100 a.C. Treballe Barrera (1999, p. 356-357) postula que, originalmente, o rótulo *Versão dos Setenta* referia-se apenas à tradução grega da Torá, mas depois acabou sendo usado para designar a tradução de todo o Tanakh para o grego, que tanto Treballe Barrera (1999, p. 356-357) quanto Deslile e Woodsworth (1998, p. 174) dizem ter sido fruto do trabalho de diversos tradutores (não se sabe quem foram), que atuaram em épocas distintas.

Enfim, deixando de lado o caráter imaginativo do relato lendário sobre a primeira versão da Torá para o grego, Torre (2001, p. 20) observa que é fato que a tradução ocorreu na época do reinado de Ptolomeu II Filadelfo, tendo sido aceita pelos judeus da diáspora como textos totalmente correspondentes aos originais hebraicos. É digno de nota que a Septuaginta, além da tradução do Tanakh, contém outras obras literárias, que não fazem parte do cânon hebraico<sup>16</sup>. Há evidências de que, desde os primórdios do cristianismo, tais obras sempre foram motivo de polêmica e discórdia entre as autoridades da Igreja. Parece que a controvérsia mais visível ocorreu no século XVI, quando começaram a aflorar as traduções da Bíblia para as línguas modernas, em decorrência da Reforma protestante. Na ocasião, muitos reformadores defenderam que os acréscimos feitos pelos judeus alexandrinos não deveriam ser considerados escritura sagrada, já que não tinham sido reconhecidos como tal pelos rabinos judeus de Jerusalém.

Segundo o aparato crítico da Bíblia Apologética de Estudo (2006, p. 876-877), foi no Concílio de Trento, ocorrido entre 1546-1548, que a Igreja Católica assumiu uma postura com relação aos livros acrescentados à tradução grega do Tanakh, rejeitando quatro deles (I Esdras, III e IV Macabeus, Odes e Salmos de Salomão) e aceitando os demais, que passaram a ser vistos como escritura sagrada, da mesma forma que os escritos que compõem o Tanakh. Quanto aos livros reconhecidos no Concílio de Trento, a Igreja Católica passou a chamá-

---

<sup>16</sup> Os livros são: I Esdras, Ester (com acréscimos de passagens paralelas), Judite, Tobias, I, II, III e IV Macabeus, Odes, Sabedoria, Eclesiástico, Salmos de Salomão, Baruque, Epístola de Jeremias (= capítulo 6 de Baruque), O Cântico de Azarias (= Daniel 3:24-50), O Cântico dos Três Jovens (= Daniel 3:51-90), História de Susana (= capítulo 13 de Daniel), Bel e o Dragão (= capítulo 14 de Daniel).

los de *deuterocanônicos* (que significa “segundo cânon”), em oposição aos do Tanakh, que passaram a ser referidos como *protocanônicos* (que quer dizer “primeiro cânon”).

No que diz respeito aos protestantes, consta no aparato crítico da Tradução Ecumênica da Bíblia (1994, p. 1535) que os deuterocanônicos continuaram aparecendo nas suas Bíblias, como apêndice, até 1826, a partir de quando as igrejas reformadas começaram a considerar, para o AT, somente os livros do Tanakh. Os deuterocanônicos, então, foram rejeitados de vez pelos cristãos protestantes, que passaram a designá-los como *apócrifos* (cf. nota 8), mas continuaram reconhecendo o valor histórico de tais obras. Este é o motivo de a Bíblia católica possuir, no AT, sete livros a mais do que o AT da Bíblia protestante, sendo também esse um dos principais aspectos que marca a diferença entre esses dois ramos do cristianismo.

#### 2.3.1.2 - A Peshitta

A Peshitta é uma tradução antiga da Bíblia, feita para o siríaco. Apesar de não ser tão conhecida no Ocidente como a Septuaginta e a Vulgata, a Peshitta também é útil na reconstituição do texto bíblico nos casos de passagens problemáticas, não só pela sua antiguidade, mas por ser uma tradução feita para uma língua semítica, próxima do hebraico e do aramaico, e que usou como fonte diferentes tradições textuais de manuscritos da Bíblia, a maioria hoje perdidas. Assim como a Septuaginta, a Peshitta percorreu um longo e complexo caminho até atingir sua forma final: os livros foram traduzidos por vários indivíduos, que atuaram em diferentes épocas. Além disso, seu AT e NT são trabalhos de tradução completamente distintos, com cada um possuindo a sua história.

Conforme Treballe Barrera (1999, p. 428), não se sabe ao certo se o AT da Peshitta possui origem judaico-ortodoxa ou judaico-cristã. Há duas possibilidades: tanto esse autor quanto o aparato crítico da Torá Viva (2000, p. E-122) postulam ser provável que a tradução do AT da Peshitta começou em meados de 40 d.C., na cidade de Adiabene (onde se falava o siríaco), a pedido do rei Izates II, para atender as necessidades religiosas da corte, que se convertera ao judaísmo. Mas o trabalho também pode ter sido realizado por judeus convertidos ao cristianismo, após levarem o evangelho a Adiabene. Quanto à tradução do NT da Peshitta, há indícios, segundo Miguel (2005, p. 1), de que tudo começou com Taciano (discípulo de Justino Mártir), na segunda metade do século II d.C., época em que muitos estudiosos cristãos procuravam

harmonizar, em um único texto, os fatos relativos à vida e aos ensinamentos de Cristo. Um deles foi justamente Taciano, que, em 164 d.C., publicou, em siríaco, um texto harmonizado dos quatro evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João), a partir de manuscritos gregos que circulavam em Roma nessa época. A obra foi chamada de *Diatessaron*, que significa “através dos quatro”; alcançou ampla popularidade no Oriente e no Ocidente, e seu uso não se limitou apenas às igrejas de língua siríaca.

De acordo com Treballe Barrera (1999, p. 429), o *Diatessaron*, apesar de ser um verdadeiro monumento da literatura cristã antiga, é conhecido apenas através de citações, tendo em vista que todos os exemplares se perderam, provavelmente devido à rejeição que a obra começou a ter quando Taciano, no fim da vida, converteu-se ao gnosticismo. As igrejas, considerando-o herege e apóstata, passaram a não utilizar mais o *Diatessaron*, que, conforme Geisler e Nix (1997, p. 102), foi abolido oficialmente em 423 d.C. No entanto, Treballe Barrera (1999, p. 429) postula que a tradução dos evangelhos do NT da Peshitta remonta ao *Diatessaron*, tendo em vista que as igrejas siríacas, isso no século III d.C., uniram esforços com o objetivo de recuperar o texto dos evangelhos, a partir do *Diatessaron*. Provavelmente com o texto grego servindo de guia, eles selecionaram as passagens do trabalho de Taciano que julgavam corresponder ao texto autógrafa de Mateus, Marcos, Lucas e João e as compilaram, de modo que os recortes formassem a versão siríaca dos quatro evangelhos, como se eles tivessem sido traduzidos em separado.

Já quanto aos demais livros do NT, Treballe Barrera (1999, p. 429) diz que há evidências na literatura siríaca antiga de que foram feitas traduções de Atos dos Apóstolos e das epístolas paulinas nessa mesma época (século III d.C.), o que é confirmado por Eusébio de Cesareia (265 d.C. – 339 d.C.), que, nas suas obras, faz referência aos livros do NT em siríaco, não se limitando apenas aos evangelhos. Sendo assim, é provável que a tradução das outras coleções de livros que formam a segunda parte da Bíblia foi reunida com o texto dos evangelhos, recuperado do *Diatessaron*, constituindo o NT em língua siríaca, que veio complementar o AT, o qual já estava traduzido, formando, então, a Bíblia completa.

Essa primeira “edição” da Bíblia para o siríaco é hoje chamada de *Vetus Sira*. Ela passou por um longo e amplo processo de revisão, até se transformar na versão hoje conhecida por *Peshitta*. De acordo com Treballe Barrera (1999, p. 429-430), a revisão da *Vetus Sira* que deu origem à *Peshitta* ocorreu nas últimas décadas do século IV d.C., mas a

designação *Peshitta*, termo siríaco que significa “versão simples” ou “versão comum”, surgiu apenas no século IX, para diferenciar o trabalho de uma tradução siríaca do AT, feita por volta do século VII, hoje chamada de Siro-Hexaplar, que possuía um estilo de linguagem mais elaborado e erudito.

### 2.3.1.3 – A Vulgata

A Vulgata, além de ser a última versão antiga que compõe a tríade das traduções mais utilizadas no estudo e na resolução dos problemas textuais da Bíblia, é, ao que tudo parece indicar, a tradução da escritura sagrada do cristianismo para o latim que mais se destacou na Idade Média. No entanto, a Vulgata não foi o primeiro empreendimento de tornar a Bíblia acessível nesse idioma. A partir do século II d.C., começaram a surgir inúmeras traduções para o latim, a fim de atender as necessidades da crescente população de cristãos falantes dessa língua. Porém, a maioria delas, além de insatisfatória, era incompleta (não trazia todos os livros da Bíblia). Segundo Geisler e Nix (1997, p. 112), em meados de 200 d.C., no norte da África, chegou a aparecer uma versão completa que foi amplamente utilizada, hoje conhecida por *Vetus Latina*, cujo AT, de acordo com Giraldo (2008, p. 17), não foi traduzido do hebraico e do grego, mas a partir da Septuaginta. Outras versões incompletas surgiram após a *Vetus Latina*, aumentando a quantidade de traduções.

Essa situação deveria ter solucionado o problema da necessidade por traduções da Bíblia para o latim. Mas não foi isso que aconteceu, pois a questão das inúmeras versões latinas criou outro problema que agora consistia no fato de que a maioria delas era considerada insatisfatória pela Igreja Católica, pois estavam cheias de erros, conforme observa Torre (2001, p. 20). Por volta da segunda metade do século IV d.C., a situação se agravou tanto que, em 382 d.C., o pontífice daquela época, Dâmaso, incumbiu seu secretário e estudioso da Bíblia, Sófrônio Eusébio Jerônimo (ou simplesmente Jerônimo), de fazer uma revisão das versões latinas existentes, à luz do texto grego, elaborando uma versão-padrão, para ser utilizada pela Igreja. Assim, a tarefa inicial de Jerônimo<sup>17</sup> foi tão somente revisar versões latinas já existentes, com vistas a criar um texto oficial. No entanto, o fato é que o trabalho dele

---

<sup>17</sup> “São Jerônimo” é o nome pelo qual a Igreja Católica se refere ao estudioso que fez a tradução oficial da Bíblia para o latim. Jerônimo foi canonizado pela própria Igreja Católica e é tido, pelos católicos, como o padroeiro dos tradutores, por razões óbvias.

foi muito além do que lhe haviam pedido. De acordo com Geisler e Nix (1997, p. 114), a revisão dos evangelhos ficou pronta em 383 d.C. Em 384 d.C., com a morte de Dâmaso, seu protetor, Jerônimo foi expulso de Roma e refugiou-se em Belém, Israel, onde teria terminado de revisar os demais livros neotestamentários das versões latinas e optado por traduzir o AT a partir das línguas em que foi originalmente escrito, em vez de apenas revisar traduções existentes, como havia feito com o NT. Em 405 d.C., o trabalho é concluído. Deslile e Woodsworth (1998, p. 178) postulam que Jerônimo é tido como o primeiro a ter traduzido o AT para o latim, a partir dos idiomas originais.

Segundo Geisler e Nix (1997, p. 114-115), em princípio, a tradução de Jerônimo foi bastante rechaçada por muitas das mais importantes autoridades eclesiásticas da época. Apesar disso, logo após a morte do estudioso, a tradução dele passou a ser a mais utilizada pela Igreja Católica nos séculos que se seguiram, suplantando as demais e se tornando o texto-padrão da Bíblia aceito extraoficialmente em toda Idade Média. O reconhecimento oficial pela Igreja Católica, de acordo com Deslile e Woodsworth (1998, p. 196), só veio a ocorrer em 1546, no Concílio de Trento, quando a versão de Jerônimo foi finalmente decretada como a única autêntica a ser usada na Igreja, decisão que só veio a ser revogada em 1943, pelo Papa Pio XII, que autorizou a tradução do texto bíblico para as línguas modernas. É válido mencionar que, conforme Giraldi (2008, p. 17), foi só no século XIII que a versão de Jerônimo passou a ser chamada de *Vulgata*, termo latino que significa “divulgado” ou “comum”, provavelmente por causa da grande aceitação que obteve no seio da Igreja Católica.

### **2.3.2 – Propostas de padronização do texto bíblico**

Atualmente, existem várias propostas de padronização do texto bíblico nas línguas em que foi originalmente escrito. A seguir, apresentamos um panorama das que mais tem se destacado em nível mundial.

#### **2.3.2.1 – O Texto Massorético: a tradição textual padronizada do Antigo Testamento**

De acordo com Norton (1998, p. 184), o Texto Massorético (doravante TM) é o documento mais completo a trazer o Antigo Testamento na língua em que foi originalmente escrito, sendo também o protótipo pelo qual são feitos todos os estudos textuais comparativos da

primeira parte da Bíblia. O texto é chamado de massorético porque é baseado na Massorá, ou seja, na tradição textual hebraica criada pelos eruditos judeus de Tiberíades, na Galileia, os quais atuaram de 500 d.C. a 1000 d.C, com o intuito de produzir um texto padronizado dos escritos sagrados do judaísmo, bem como codificar a pronúncia do hebraico consonantal, trabalho realizado mediante um complexo sistema de pontuação, que eles criaram para representar as vogais.

É fundamental esclarecermos que o alfabeto hebraico não tinha vogais, o que ocasionava constantes erros de pronúncia, já que havia palavras que eram escritas com as mesmas consoantes, mas tinham pronúncia e significados distintos. Sendo assim, a leitura exata dependia da habilidade do leitor. O sistema criado pelos massoretas (nome pelo qual ficaram conhecidos esses eruditos judeus de Tiberíades) para representar as vogais fez com que tanto os judeus da época quanto os das gerações futuras lessem o TM da mesma forma, que desde então passou a ser o texto hebraico padronizado das escrituras sagradas do judaísmo. As atuais edições críticas do TM que mais têm se destacado e que são utilizadas como fonte para as traduções do AT são a *Bíblia Hebraica Kittel* e a *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*:

- a) Bíblia Hebraica Kittel: segundo Francisco (2002, p. 25), as duas primeiras edições dessa obra foram produzidas por Rudolf Kittel, e publicadas em 1905 e em 1913, em Leipzig, na Alemanha. A principal característica do trabalho era trazer um aparato crítico que citava possíveis correções ao TM. A partir de 1929, Kittel forma parceria com o estudioso Paul E. Kahle e lança uma terceira edição, revisada. Em 1937, surge a quarta edição, revista e ampliada com a ajuda de vários outros especialistas no AT. Em 1951, surge a sétima edição, que trouxe como novidade citações das variantes textuais que aparecem nos recém-descobertos Manuscritos do Mar Morto. Devido ao aparato crítico, o trabalho de Kittel e Kahle foi a edição do TM mais utilizada em nível mundial no século XX, tanto nos estudos do AT na língua em que foi originalmente escrito quanto nas traduções da Bíblia para as línguas modernas. A Bíblia Hebraica Kittel só foi sobrepujada pela sua sucessora, a *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*;
- b) Bíblia Hebraica Stuttgartensia: esta obra é tida como uma das mais confiáveis edições críticas do TM. De acordo com Francisco (2002, p. 26), ela começou a ser preparada em 1967, na cidade de Stuttgart, Alemanha, pelos estudiosos Karl Elliger, Wilhelm Rudolph, Gérard E. Weil, entre outros. O trabalho foi publicado em 1977. A

Stuttgartensia é vista como uma edição aperfeiçoada da *Bíblia Hebraica Kittel*. Tem como principal característica trazer um aparato crítico renovado e atualizado, que inclui comentários acerca dos erros de copista constantes no TM, além de fazer mais citações aos Manuscritos do Mar Morto e aos Manuscritos da Sinagoga do Cairo. A Bíblia Hebraica Stuttgartensia é a edição crítica do TM mais utilizada atualmente nos estudos e nas traduções do AT.

### 2.3.2.2 – O Texto Recebido: a primeira proposta de padronização para o Novo Testamento

Em primeiro lugar, é necessário ter em mente que o interesse por um texto original da segunda parte da Bíblia, mais próximo dos autógrafos, só veio a surgir com o movimento que preconizou a recuperação dos valores e modelos da antiguidade greco-romana: o Renascimento. Conforme Treballe Barrera (1999, p. 398), até então só haviam sido publicados e editados textos em latim do NT. Com a chegada do Renascimento, o quadro mudou, e passou-se a valorizar mais os manuscritos em língua original, e isso gerou nos estudiosos o interesse em produzir um texto padronizado que estivesse o mais próximo possível dos autógrafos neotestamentários, provavelmente por causa das variantes que muitos manuscritos apresentavam. E foi no contexto renascentista que, na primeira metade do século XVI, começou a ser preparado o texto grego do NT que posteriormente se tornaria o modelo para as traduções da Bíblia feitas após a Reforma protestante e cuja autoridade permaneceria praticamente incontestável até a primeira metade do século XIX. Trata-se do *Texto Recebido* (doravante TR), que, antes de ser assim chamado, passou pelas mãos de vários estudiosos, tendo percorrido um longo caminho, que discutiremos a seguir, até atingir sua forma definitiva.

A preparação de um NT padronizado em língua original começou em julho de 1515, com Desidério Erasmo, também conhecido por Erasmo de Roterdã. De acordo com Treballe Barrera (1999, p. 399) e Geisler e Nix (1997, p. 86), o trabalho foi todo feito a partir de manuscritos tardios e que careciam de revisão, portanto, tinham valor crítico limitado. A primeira edição de Erasmo foi publicada em março de 1516. Em 1519, é lançada uma edição revista, à luz de outros manuscritos. De acordo com Geisler e Nix (1997, p. 86), a principal fonte que Lutero utilizou quando traduziu o NT para o alemão foi o texto grego erasmiano, mais precisamente a edição de 1519. Nos anos que se seguiram, Erasmo lançou mais três edições revisadas do seu NT,

a saber, em 1522, 1527 e 1535.

Antes de se chamar *Texto Recebido*, o trabalho de Erasmo passou, por mais de um século, pelas mãos de vários outros estudiosos, que o revisaram e melhoraram, com vistas a aproximá-lo cada vez mais do que eles julgavam ser a redação autógrafa. Quem trabalhou no texto logo após Erasmo foi Roberto Estéfano, que, em 1546, publicou uma edição do NT, a qual, de acordo com Treballe Barrera (1999, p. 400), é uma refundição do texto erasmiano com o do cardeal Francisco Ximenes de Cisneros, que, em 1522, também lançou uma edição padronizada do NT. Em 1549, 1550 e 1551, Estéfano publicou três edições revistas da sua obra, uma em cada ano. É digno de nota que a quarta edição de Estéfano (a de 1551) trouxe como principal novidade algo que viria a ser mantido em todas as edições posteriores do NT: a divisão do texto em versículos, que acabou complementando a divisão em capítulos, feita já há mais de três séculos (desde 1227), pelo bispo Stephen Langton. Paroschi (1999, p. 112) informa que a divisão em versículos do AT também foi obra de Estéfano, que a introduziu em 1555, em uma edição latina da Bíblia. O objetivo da divisão de Langton e de Estéfano foi o de facilitar a consulta e a citação ao texto bíblico, algo que certamente era muito difícil de fazer quando o texto ainda não contava com tais divisões. A praticidade e a funcionalidade que trouxeram foram tão satisfatórias que a divisão do texto em capítulos e versículos foi adotada também pelos judeus, e são empregadas até hoje nas Bíblias de todo o mundo.

Pouco tempo depois, em 1565, foi a vez de Teodoro Beza publicar sua primeira edição do NT, que tomou como base o trabalho de Estéfano. Nos anos seguintes, Beza publicou nove edições revisadas do seu NT lançado em 1565, sendo que uma póstuma (a décima) apareceu em 1611. Em seguida, entraram em cena Abraão Elzevir e os irmãos Bonaventura, que, a partir do trabalho de Beza, publicaram, entre 1624 e 1787, sete edições do NT. Foi do prefácio em latim da segunda edição deles (lançada em 1633) que se tirou o nome *Texto Recebido*. Até hoje, é esse o nome que se utiliza para designar o primeiro texto grego padronizado do NT, que Elzevir e os Bonaventura “filtraram” das edições de Erasmo, Cisneros, Estéfano e Beza.

### 2.3.2.3 – O Texto Crítico: uma nova proposta de padronização para o Novo Testamento

O texto que serviu de base para praticamente todas as traduções do NT feitas após a Reforma protestante foi o TR. Paroschi (1999, p.

114) afirma que a autoridade desse texto era considerada canônica entre os cristãos protestantes. No entanto, de acordo com Geisler e Nix (1997, p. 87), os manuscritos que serviram de base para a edição do TR eram todos de origem tardia, pertencentes à tradição bizantina (cf. seção 1.4.4). É provável que tenham sido usados somente os dessa tradição porque grande parte dos manuscritos mais antigos do NT ainda não estava disponível na época em que o TR estava sendo preparado, já que começaram a vir à luz somente a partir do século XIX. É por isso que o TR traz passagens cuja autenticidade não é comprovada pelas cópias mais antigas.

Como os manuscritos das tradições anteriores à bizantina são mais antigos, esse pode ser um indício de que eles estão mais próximos do que se acredita ser a redação autógrafa. Ou seja, o fato de serem mais antigos parece tornar baixa a probabilidade de o texto do NT neles reproduzido conter as alterações voluntárias e involuntárias que discutimos na seção 2.2. Para ilustrar esse ponto de vista, consideremos o texto alexandrino (cf. seção 1.4.1). Paroschi (1999, p. 83) diz que, na maioria dos casos, as cópias do NT pertencentes a essa tradição

revelam-se de excelente qualidade textual. [...] A falta de contato direto dos cristãos alexandrinos com o cristianismo apostólico (veja Atos 18:24-25)<sup>18</sup> [...] parece tê-los feito inteiramente dependentes dos escritos sagrados para conhecerem os fundamentos da religião cristã. As reminiscências pessoais e a tradição oral faltavam ali, o que teria aumentado a exigência quanto à exatidão textual das fontes literárias.

Sendo assim, parece que foi a partir desse pensamento que os críticos textuais observaram a necessidade de produzir outro texto padronizado em língua original da segunda parte da Bíblia, que contemplasse também os manuscritos mais antigos que começaram a ser descobertos, uma vez que, por não estarem disponíveis naquela época, não haviam sido considerados por Erasmo nem pelos outros estudiosos que trabalharam no que viria a se chamar *Texto Recebido*. Esta outra tradição de manuscritos padronizados do NT, surgida na primeira

---

<sup>18</sup> E chegou a Éfeso um certo judeu chamado Apolo, natural de Alexandria, homem eloqüente e poderoso nas Escrituras. Este era instruído no caminho do Senhor e, fervoroso de espírito, falava e ensinava diligentemente as coisas do Senhor, conhecendo somente o batismo de João. (Atos 18:24-25)

metade do século XIX, é denominada *Texto Crítico* (doravante TC), e acabou rompendo, de forma gradativa, com a tradição do já consolidado TR, à medida que edições aperfeiçoadas do TC iam surgindo.

No século XIX, dentre as edições do TC que mais se destacaram, estão, de acordo com Treballe Barrera (1999, p. 401, 403) e Geisler e Nix (1997, p. 88), a de Karl Lachmann, lançada em 1831; as de Samuel Prideaux Tregelles, que vieram a público entre 1857 e 1872; as de Konstantin von Tischendorf, publicadas entre 1859 e 1872, logo após ele ter descoberto o Códice Sinaítico (cf. seção 1.4.1, alínea *a*); e as de Brooke Foss Westcott e Fenton John Anthony Hort, publicadas em 1881 e em 1882, cujo texto foi essencialmente baseado no Códice Vaticano (cf. seção 1.4.1, alínea *b*), e o aparato crítico, nas edições de Lachmann, Tregelles, Tischendorf, entre outros.

Do século XX aos dias atuais, Paroschi (1999, p. 137) diz que a *Nestle-Aland* é a edição do TC mais apreciada e usada pelos pesquisadores em geral, em virtude de trazer um texto de fato reconstituído a partir dos melhores testemunhos conhecidos hoje em dia e um aparato crítico abrangente e detalhado. De acordo com Scholz (2006, p. 56-57), essa edição crítica começou a ser preparada por Eberhard Nestle, tendo sido publicada pela primeira vez em 1898. Nestle elaborou seu trabalho essencialmente através da comparação das edições de Tischendorf e Westcott e Hort. Após o falecimento de Eberhard, o filho dele, Erwin Nestle, deu continuidade ao trabalho, lançando edições revisadas e aperfeiçoadas da obra, à luz das novas descobertas no campo dos manuscritos bíblicos. Em 1952, quando a obra já estava na 21ª edição, Erwin se associa a Kurt Aland, crítico textual e especialista em história da Igreja, e as edições posteriores do trabalho passaram a ser designadas por *Nestle-Aland*, em alusão direta aos dois estudiosos. Atualmente, a obra está na 27ª edição, lançada em 1993.

### 3 – ANÁLISE DESCRITIVA DO CORPUS

Neste capítulo, apresentamos a análise descritiva das traduções que compõem nosso corpus. Na primeira seção, fornecemos alguns dados sobre as Bíblias escolhidas, tais como questões relativas ao público-alvo, ao(s) tradutor(es) e aos princípios tradutórios seguidos. Na segunda seção, apresentamos as passagens bíblicas problemáticas do AT que selecionamos, descrevendo como o nosso corpus lidou com cada uma. O mesmo é feito na terceira seção, para as passagens do NT.

#### 3.1 – AS VERSÕES DO CORPUS

As traduções bíblicas utilizadas na análise foram as seguintes: *Tradução Ecumênica da Bíblia*; *Bíblia de Jerusalém* e *Bíblia de Estudo Nova Versão Internacional*.

##### 3.1.1 – Tradução Ecumênica da Bíblia (1994)

A *Tradução Ecumênica da Bíblia* é a versão em português da mundialmente famosa *Traduction Oecuménique de la Bible*, edição francesa da Bíblia mais conhecida pela sigla TOB, da mesma forma que a edição brasileira passou a ser mais conhecida pela sigla TEB. A primeira edição da TEB foi lançada em 1994, e é essa que estamos considerando na análise. A Tradução Ecumênica da Bíblia (doravante TEB) traz dois prefácios: o da edição francesa e o da edição brasileira. O prefácio à edição francesa informa que o trabalho nasceu do objetivo de disponibilizar uma tradução da Bíblia que refletisse o comum acordo feito entre as tradições religiosas que a consideram como seu patrimônio, a saber, judeus, protestantes e católicos.

Sobre o texto-fonte, o prefácio à edição francesa (p. X) informa que, quanto ao AT, foi usada para os livros do cânon hebraico a edição crítica do TM preparada por Rudolph Kittel, lançada em 1937. É dito também que, no geral, embora o TM reproduza com extrema exatidão o trabalho dos massoretas, ele não conservou intactas todas as passagens do texto hebraico. Neste caso, para resolver os problemas de integridade do TM, o prefácio da edição francesa (p. X) assinala que os tradutores tiveram de recorrer aos targuns aramaicos, aos Manuscritos do Mar Morto, à Septuaginta, à Peshitta e à Vulgata. Já para os livros apócrifos/deuterocanônicos, ou seja, aqueles que, por não figurarem no cânon hebraico, são rejeitados pelos judeus e cristãos protestantes, mas que são considerados como escritura sagrada dentro do catolicismo, serviu de base para o trabalho a edição da Septuaginta preparada por

Alfred Rahlfs, lançada em 1935. Quanto à segunda parte da Bíblia, a fonte utilizada foi a 25ª edição do NT de Nestle-Aland, lançada em 1966.

O prefácio à edição brasileira (p. XII) informa que a TEB usou a TOB como texto-fonte, não só no aparato crítico (introduções e notas), mas também no texto bíblico propriamente dito. A TEB, portanto, é uma tradução indireta.

São dignas de nota algumas considerações sobre os princípios que nortearam a versão em português. Por exemplo, o paratexto da TEB (1994, p. XII) assinala que a tradução não procurou seguir

a literalidade absoluta, que induz o leitor a erro, pois a relação entre os vocábulos e a realidade está em contínua mudança, razão pela qual sempre se precisa de novas traduções. Tampouco procura a simplificação de uma tradução popular. Procura, antes de mais nada, cuidadosa fidelidade semântica, ou seja, expressar, em língua moderna, e levando em consideração a cultura atual, a realidade comunicada pelas palavras antigas. O objetivo desta tradução não é a literalidade servil, mas a familiarização do leitor com os campos semânticos nos quais o texto se move. Muitas vezes, a tradução gramatical e lexicalmente fiel foi suficiente para alcançar esse objetivo. Outras, porém, foi preciso recorrer a expressões equivalentes ou, conservando a expressão original por causa do seu uso consagrado ou íntima conexão com o contexto, explicá-la em nota.

### **3.1.2 – Bíblia de Jerusalém (2002)**

Em 1981, é publicada no Brasil a primeira edição da *Bíblia de Jerusalém*, feita com base na *La Bible de Jérusalem*, outra famosa tradução francesa reconhecida mundialmente. Ao contrário da TEB, o texto bíblico da Bíblia de Jerusalém (doravante BJ) foi traduzido diretamente do hebraico e do grego, e o aparato crítico (introduções e notas) foi traduzido da edição francesa. Em 1998, na França, é publicada uma edição revista e ampliada da *La Bible de Jérusalem*, que serviu de base para o lançamento, em 2002, de uma nova edição brasileira, também revisada e ampliada. É esta que estamos considerando na nossa análise.

Apesar de também haver protestantes na equipe de tradutores da edição brasileira, tudo leva a crer que a obra foi produzida tendo os cristãos católicos como destinatários, pois os livros do AT refletem o cânon utilizado pelo catolicismo. Pode-se dizer também que a BJ é uma versão ecumênica, uma vez que é bastante apreciada por judeus e protestantes, devido ao aparato crítico que disponibiliza. Quanto à equipe de tradutores da edição brasileira, os nomes estão citados no paratexto da obra, que, inclusive, explicita quais livros ficaram ao encargo de cada um<sup>19</sup>.

No que diz respeito às fontes utilizadas na tradução, o prefácio registra que, para o AT, utilizou-se, principalmente, o TM como base, com a ressalva de que, quando ele apresentou dificuldades insuperáveis, os tradutores fizeram uso de outros manuscritos hebraicos, bem como da Septuaginta, da Peshitta e da Vulgata, que são as traduções antigas mais utilizadas para solucionar os problemas de integridade do texto bíblico em língua original, como vimos no capítulo anterior. Já para a segunda parte da Bíblia, é dito apenas que o trabalho foi feito a partir de uma edição crítica do NT, sem fornecer detalhes sobre qual obra foi utilizada.

Quanto ao princípio tradutório, o paratexto da BJ (2002, p. 13) registra que os tradutores levaram em conta que uma tradução servil e literal ao extremo muitas vezes não reproduz, na língua de chegada, o verdadeiro sentido de uma sentença ou expressão da língua fonte. Sendo assim, consta que, quando os tradutores se depararam com trechos cuja tradução literal produziria esse efeito, a prioridade teve de recair sobre o sentido.

### 3.1.3 – Bíblia de Estudo Nova Versão Internacional (2003)

Em 2003, é lançada no Brasil a *Bíblia de Estudo Nova Versão Internacional* (doravante BENVI), destinada aos cristãos protestantes. Conforme assinala o paratexto da BENVI (p. XV), a obra foi feita com

---

<sup>19</sup> Os tradutores são, em ordem alfabética: Benjamim Carreira de Oliveira (Judite e Eclesiástico); Calisto Vendrame (Romanos, Gálatas e Filemon); Domingos Zamagna (Gênesis, Sabedoria de Salomão, Ester, Lamentações e I e II Timóteo); Emanuel Bouzon (Jeremias e Profetas Menores); Estêvão Bittencourt (I e II Coríntios); Euclides Martins Balancin (Eclesiastes); Gilberto da Silva Gorgulho (Êxodo, Provérbios, I e II Tessalonicenses e Hebreus); Isaac Nicolau Salum (Efésios, Filipenses e Colossenses); Ivo Storniolo (Deuteronomio, Salmos, Cântico dos Cânticos, Provérbios, Lucas e Apocalipse); Joaquim de Arruda Zamith (João e I, II e II João); Jorge César Mota (Juízes, I e II Samuel, Marcos e Tito); José Raimundo Vidigal (I e II Reis, I e II Crônicas, Esdras, Neemias, Rute, Tobias, introduções e apêndices); Luiz Inácio Stadelmann (Jó); Ney Brasil Pereira (I e II Macabeus, Daniel, Baruc e Atos dos Apóstolos); Samuel Marins Barbosa (Levítico, Números e Josué) e Theodoro Henrique Maurer Júnior (Isaías, Ezequiel, Mateus, Tiago, Judas e I e II Pedro).

base na segunda edição, lançada em 1995, de outro projeto tradutivo da Bíblia bastante famoso e reconhecido internacionalmente: a *The New International Version Study Bible* (doravante NIVSB), que tem os cristãos protestantes de fala inglesa como público-alvo. É importante ressaltar, no entanto, que o texto bíblico da BENVI foi traduzido diretamente do hebraico e do grego, enquanto que o aparato crítico o foi da edição inglesa, por Gordon Chown. Já quanto aos responsáveis pela tradução do texto bíblico, nomes não são citados. É apenas dito que a equipe de tradutores foi constituída por cristãos protestantes pertencentes às mais diversas denominações evangélicas. O paratexto da BENVI (p. XIII-XIV) informa que a filosofia de tradução adotada foi muito semelhante à da NIVSB, pois ambas tiveram o objetivo de

comunicar a Palavra de Deus ao leitor moderno com tanta clareza e impacto quanto os exercidos pelo texto bíblico original entre os primeiros leitores. Por essa razão, alguns textos [...] foram traduzidos com maior ou menor grau de literalidade [...]. Em razão da grande diferença entre a sintaxe do português atual e a das línguas originais [da Bíblia], a NVI entende não ser possível comunicar de modo adequado a Palavra de Deus prendendo-se à estrutura frasal do hebraico, do aramaico e do grego. Por essa razão, os versículos são organizados em períodos menores e pontuados conforme as exigências da língua portuguesa. [...] O texto da NVI não se caracteriza por alta erudição vernacular, nem por um estilo muito popular.

Quanto aos textos em língua original utilizados pelos tradutores, não constam informações a esse respeito no paratexto da BENVI. Apenas encontramos a afirmação (p. IV) de que, atualmente, o resultado do trabalho da crítica textual bíblica mais confiável e respeitado pelo mundo acadêmico encontra-se, para o AT, na *Bíblia Hebraica Stuttgartensia* (cf. seção 2.3.2.1, alínea b), e, para o NT, no *Novo Testamento Grego* de Nestle-Aland (cf. seção 2.3.2.3). No que diz respeito às obras usadas para auxiliar na solução dos problemas de integridade do texto bíblico em língua original, o paratexto não traz informações sobre quais auxiliaram os tradutores. É apenas dito (p. III) que uma boa tradução da Bíblia, além do texto original, deve levar em conta o *Pentateuco Samaritano*, a *Septuaginta*, a *Peshitta*, os *Targums Aramaicos* e os *Manuscritos do Mar Morto*.

### 3.2 – ANÁLISE DAS PASSAGENS PROBLEMÁTICAS

As passagens bíblicas que apresentaremos nesta seção são tradicionalmente consideradas problemáticas, sendo bastante ampla a bibliografia dentro dos estudos crítico-textuais da Bíblia em que elas são citadas e estudadas. Essas passagens aparecem na maioria das publicações que usamos para o arcabouço teórico deste trabalho<sup>20</sup>. Convém reiterarmos que não é pouca a quantidade das que se enquadram no nosso tema (passagens modificadas nos manuscritos em língua original), conforme constatamos pela bibliografia utilizada. Sendo assim, tendo em vista as limitações próprias de um trabalho como o nosso e levando em conta que não tivemos a intenção de sermos exaustivos, não foi possível eliminar todo o subjetivismo no momento de escolher umas em detrimento de outras. Apesar disso, as passagens que selecionamos para analisar estão entre as que mais dão margem para discussões de ordem tradutória, por serem as responsáveis imediatas pelas diferenças de forma e conteúdo que saltam à vista quando se compara as traduções da Bíblia.

#### 3.2.1 – Passagens do Antigo Testamento

A seguir, apresentamos as passagens do AT que selecionamos e a descrição de como as traduções do nosso corpus lidaram com elas.

##### 3.2.1.1 – Assassinato de Abel (Gênesis 4:8)

Este versículo da Bíblia narra a ocasião em que Caim, o filho primogênito de Adão e Eva, investiu contra seu irmão Abel, e o matou. Vejamos como nosso corpus traduziu Gênesis 4:8:

---

<sup>20</sup> As passagens estão citadas nas seguintes obras que utilizamos: A Bíblia como literatura (1993); A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã (1999); Antigo Testamento Poliglota (2003); Bíblia do Peregrino (2002); Bíblia Sagrada, versão Matos Soares (1982); Comentário Judaico do Novo Testamento (2008); Cristianismo e Paganismo (2007); Crítica Textual do Novo Testamento (1999); Introdução ao estudo do Novo Testamento (1983); Introdução ao Novo Testamento (2004); Introdução Bíblica (1997); Manual popular de dúvidas, enigmas e “contradições” da Bíblia (1999); Nova Tradução na Linguagem de Hoje da Bíblia (2000); Novo Testamento Judaico (2007); Novo Testamento King James, edição de estudo (2007); Novo Testamento Trilíngue (1998); Princípios de interpretação bíblica (2006); Torá – A Lei de Moisés (2001); Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas (1986).

TEB	BJ	BENVI
Caim falou a seu irmão Abel e, quando foram ao campo, Caim atacou seu irmão Abel e o matou.	Entretanto, Caim disse a seu irmão Abel: “ <u>Saiamos</u> ”. E, como estavam no campo, Caim se lançou sobre seu irmão Abel, e o matou.	Disse, porém, Caim a seu irmão Abel: “ <u>Vamos para o campo</u> ”. Quando estavam lá, Caim atacou seu irmão Abel e o matou.

Como podemos perceber, na tradução da BJ e da BENVI, consta o que Caim disse a Abel, antes de eles irem ao campo, informação que já não aparece na TEB. O problema dessa passagem está justamente no fato de o TM não registrar (ou ter omitido, não se sabe) as palavras que Caim disse ao irmão. É na tradição judaica que encontramos uma explicação para essa lacuna: de acordo com o aparato crítico de uma tradução brasileira da Torá (2001, p. 10), o que Caim disse a Abel foram

palavras de briga, cheias de cólera, que a Torá não menciona, pois provavelmente eram carentes de sentido, belicosas e vazias de qualquer argumento lógico. Ao omiti-las, a Torá nos ensina que elas não podem nem racionalizar nem justificar um assassinato.

Sendo assim, a diferença em termos de informatividade encontrada nas traduções do nosso corpus explica-se pela diferente fonte que cada uma utilizou na tradução de Gênesis 4:8. No que diz respeito à TEB, podemos perceber que essa Bíblia optou por traduzir a passagem de acordo com o TM, visto que esse texto não traz as palavras que Caim disse ao seu irmão. Em nota, a TEB assinala que as traduções antigas da Bíblia acrescentam a frase “vamos ao campo”, mas não especifica quais versões trazem essa informação adicional. Como o prefácio da TEB assinala que os tradutores recorreram à Septuaginta, à Peshitta e à Vulgata para solucionar os problemas de integridade do TM, é provável que a nota esteja se referindo a essas três traduções antigas. Quanto à BENVI e a BJ, podemos perceber que elas supriram a lacuna do TM com uma frase adicional. Agora, resta saber de onde elas tiraram essa frase. Em nota, a BENVI (2003, p. 12), além de reconhecer que o TM não traz “vamos para o campo”, revela que a frase aparece nos seguintes testemunhos antigos do texto bíblico: o Pentateuco Samaritano, a Septuaginta, a Peshitta e a Vulgata.

Sobre a BJ (2002, p. 39), além de informar que traduziu Gênesis

4:8 de acordo com as versões antigas da Bíblia, ela fornece uma explicação para a ausência das palavras de Caim que está de acordo com a tradição judaica que apresentamos acima: somos informados que o verbo “dizer” normalmente introduz um discurso direto, que não aparece no texto hebraico, e que as traduções antigas, ao registrarem “vamos ao campo”, provavelmente não trazem o que foi suprimido no TM, mas apenas preencheram a lacuna com o que parecia faltar, talvez baseando-se no contexto imediato, visto que os dois estavam no campo, quando o assassinato aconteceu. Além disso, vale mencionar que, de acordo com o aparato crítico da Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas – doravante TNMES (1986, p. 20), o Pentateuco Samaritano, a Septuaginta, a Peshitta e as antigas versões latinas registram a frase “vamos ao campo” entre colchetes.

Deste modo, se considerarmos que a tradição judaica é a que apresenta a explicação mais adequada para o fato de as palavras de Caim não constarem no texto hebraico, então podemos concluir, com base no aparato crítico da BJ, que nem mesmo as traduções antigas da Bíblia podem solucionar o problema textual apresentado por Gênesis 4:8, visto que a informação complementar nelas preservada é apenas uma conjectura, que, além do mais, não está de acordo com a tradição judaica, pois “vamos ao campo” não pode ser classificado como palavras de briga e cheias de cólera.

### 3.2.1.2 – Cântico de Moisés (Deuteronômio 32:8)

Esse versículo é um trecho do cântico proferido por Moisés ao povo de Israel, pouco antes de morrer. A tradução do trecho sublinhado dessa passagem diferiu nas três bíblias que estamos analisando, visto que ela tem, tradicionalmente, duas variantes:

TEB	BJ	BENVI
Quando o Altíssimo deu às nações seu patrimônio, quando separou os filhos de Adão, ele fixou os territórios dos povos, segundo o número dos <u>filhos de Israel</u> .	Quando o Altíssimo repartia as nações, quando espalhava os filhos de Adão, ele fixou fronteiras para os povos, conforme o número dos <u>filhos de Deus</u> .	Quando o Altíssimo deu às nações a sua herança, quando dividiu toda a humanidade, estabeleceu fronteiras para os povos de acordo com o número dos <u>filhos de Israel</u> .

A variante “filhos de Israel” é a que está registrada no TM, e podemos perceber que essa foi a fonte utilizada pela TEB e pela BENVI na tradução de Deuteronômio 32:8. Já a BJ seguiu outro caminho: traduziu a passagem de acordo com a variante que aparece na Septuaginta e nos Manuscritos do Mar Morto (doravante MMM), a saber, “filhos de Deus”. Além disso, a TEB (1994, p. 313) observa que o provável texto autógrafo não é o que aparece no TM, mas na Septuaginta e nos MMM, visto que os dois apresentam a mesma variante. Essa parece ser uma evidência de que os massoretas fizeram uma alteração voluntária em Deuteronômio 32:8. Deste modo, a TEB defende que o texto autógrafo é *filhos de Deus*, e que o termo “filhos” se refere a seres divinos (provavelmente anjos que guardam as nações), os quais estão sendo igualados mais ou menos com os deuses pagãos adorados na antiguidade, que também eram vistos como guardiões de nações. Ainda de acordo com a TEB (1994, p. 313), na redação preservada na Septuaginta e nos MMM, Moisés estaria reconhecendo implicitamente esses deuses pagãos. Sob o ponto de vista dogmático, esse reconhecimento pode ter sido chocante demais para os judeus das gerações futuras, o que provavelmente levou os massoretas a modificarem a passagem para *filhos de Israel*.

De acordo com Sellin e Fohrer (2007, p. 707), uma das tarefas dos massoretas era, sobretudo, “corrigir” textos considerados chocantes sob o ponto de vista dogmático, e certamente foi isso que eles fizeram em Deuteronômio 32:8, se assumirmos que o texto autógrafo é o que aparece na Septuaginta e nos MMM. Mas o curioso é que, apesar de a TEB defender em nota a variante que consta na Septuaginta e nos MMM, a passagem foi traduzida conforme o TM (filhos de Israel), certamente porque a versão francesa (a TOB) na qual ela se baseia assim o fez. Mas isso não é suficiente para esclarecer o enigma, pois, como vimos na seção 3.1.1, a TEB é uma tradução brasileira da TOB, o que indica que o posicionamento a favor da variante “filhos de Deus” veio da TOB.

Quanto à BENVI, em termos tradutórios, o tratamento dado a Deuteronômio 32:8 foi o mesmo da TEB: a passagem está vertida de acordo com o TM (filhos de Israel). O que variou foi o conteúdo discutido em nota. Em primeiro lugar, a BENVI (2003, p. 311) menciona apenas os MMM quando fornece a variante “filhos de Deus”, ou seja, a Septuaginta não é citada. Em segundo, ao contrário da TEB e da BJ, a BENVI não traz explicação alguma sobre a suposta identidade desses filhos de Deus, limitando-se apenas a registrar que essa variante aparece nos MMM, no lugar da redação tradicional registrada no TM. E,

em terceiro lugar, a BENVI (2003, p. 311) explica que “filhos de Israel” talvez esteja se referindo à terra de Canaã, visto que a palavra “filhos”, utilizada com frequência na Bíblia, tem três acepções principais: *descendentes*, *sucessores* e *nações*.

Já a BJ agiu de maneira contrária à TEB e à BENVI: traduziu Deuteronômio 32:8 conforme o que se considera ser a redação autógrafa (filhos de Deus), informando que a recuperou da Septuaginta, e fornecendo em nota o que consta no TM (filhos de Israel). A BJ (2002, p. 299) parece também julgar que a forma autógrafa não é a que consta no TM, pois diz que o excerto faz parte de um texto maior, dotado de um paralelismo poético que só é restaurado por intermédio da expressão conservada na Septuaginta e nos MMM.

### 3.2.1.3 – De Moisés para Manassés (Juízes 18:30)

Este versículo da Bíblia narra o episódio em que Jônatas, neto de Moisés, converteu-se em um sacerdote idólatra. De acordo com Trebolle Barrera (1999, p. 318), com o objetivo de evitar que um sacerdote pagão fosse identificado como descendente de Moisés, os massoretas introduziram em Juízes 18:30 um *n* suspenso ao nome desse patriarca judeu, de modo que MSH (Moisés) passasse a ser lido como M<sup>N</sup>SH (Manassés). Ao procederem dessa forma, os massoretas fizeram com que a descendência de Jônatas não fosse mais associada a Moisés, mas a Manassés, que foi um rei israelita pagão e idólatra. Estamos, então, diante de um caso de mudança voluntária do texto bíblico (cf. seção 2.2.2, alínea c).

As versões que estamos comparando foram unânimes em reconhecer que a redação do TM está alterada, pois todas trazem o nome Moisés, e não Manassés. Elas também corroboram a explicação fornecida por Trebolle Barrera. A TEB (1994, p. 393), por exemplo, diz que os copistas sentiram-se ofendidos pela ideia de que um sacerdote idólatra pudesse descender de Moisés. Quanto à BJ (2002, p. 378), após informar que a descendência mosaica de Jônatas é inquestionável, postula que esse detalhe chocou os copistas, que acrescentaram um *n* acima do nome de Moisés, para transformá-lo em Manassés. Já a BENVI (2003, p. 396) registra que a alteração no TM reflete o esforço dos copistas no sentido de evitar que o nome de Moisés fosse profanado, e reconhece que a forma autógrafa é mesmo Moisés.

## 3.2.1.4 – Diálogo da divindade com Samuel (I Samuel 3:13)

Esta passagem é um trecho do diálogo da divindade com Samuel. Vejamos como foi traduzida nas bíblias do nosso corpus:

TEB	BJ	BENVI
Eu [a divindade] lhe anuncio [a Eli] que farei justiça contra a sua casa, para sempre, por sua culpa. Ele sabia que seus filhos <u>insultavam a Deus</u> , e, apesar disso, não os repreendeu.	Eu [a divindade] lhe anunciei [a Eli] que julgaria a sua casa para sempre, porque ele sabia que os seus filhos <u>ofendiam a Deus</u> e não os repreendeu.	Pois eu [a divindade] lhe disse [a Eli] que julgaria sua família para sempre, por causa do pecado dos seus filhos, do qual ele tinha consciência; seus filhos <u>se fizeram desprezíveis</u> , e ele não os puniu.

Como podemos perceber, a tradução da TEB e da BJ diz que os filhos de Eli insultaram a divindade, ao passo que a tradução da BENVI diz que os filhos se fizeram desprezíveis. Essa divergência também se explica pela fonte utilizada na tradução da passagem: “se fizeram desprezíveis” é o que aparece no TM, e “ofendiam a Deus” é o que consta na Septuaginta. Treballe Barrera (1999, p. 328) fornece a explicação para o surgimento da variante em I Samuel 3:13: a passagem foi submetida a uma correção de escriba, que podemos enquadrar nas mudanças voluntárias feitas com propósitos doutrinários. Esse autor nos informa que se trata de uma alteração feita com o objetivo de evitar uma referência antropomórfica<sup>21</sup> à divindade, já que a suposta redação autógrafa, preservada na Septuaginta, afirma que os filhos de Eli a insultaram. Treballe Barrera ainda diz que a mudança de sentido no TM ocorreu mediante uma simples alteração de letras, em que o escriba trocou ELOHIM (palavra hebraica usada para se referir à divindade, quase sempre traduzida por “Deus” nas versões da Bíblia) por LAHEM (que quer dizer “eles”).

Voltando para as bíblias que estamos analisando, tanto a TEB

<sup>21</sup> De acordo com Kaschel e Zimmer (1999, p. 29), o termo *antropomorfismo* designa a linguagem figurada que se utiliza para fazer referências à divindade como se ela tivesse forma, membros, órgãos, sentimentos e pensamentos, ou seja, atributos que são característicos do ser humano. Alguns exemplos: arrependimento (Gênesis 6:6), face (Êxodo 33:20), olhos (Jó 34:21), ouvidos (Salmos 17:6), braço (Isaías 52:10), boca (Miqueias 4:4), mão (I Pedro 5:6), etc.

quanto a BJ, como já vimos, traduziram I Samuel 3:13 de acordo com o que os especialistas consideram ser a redação autógrafa. No entanto, nenhuma das duas revela a fonte que usou para recuperar essa redação. Elas apenas mencionam que a passagem foi alterada no TM. Já a BENVI, em nota, informa que uma antiga tradição de escribas judeus e a Septuaginta dizem que a blasfêmia dos filhos de Eli foi contra a divindade. Apesar disso, como podemos perceber, essa Bíblia traduziu a passagem de acordo com o TM, variante que os especialistas consideram inadequada.

### 3.2.1.5 – Consagração de Saul a rei de Israel (I Samuel 10:1)

Em nosso corpus, essa passagem foi traduzida conforme reproduzimos a seguir:

TEB	BJ	BENVI
Samuel tomou o frasco de azeite, e o derramou sobre a cabeça de Saul e o beijou. Disse: “Não foi o SENHOR que te ungiu como chefe de seu patrimônio?”	Então Samuel pegou o frasco de azeite e o derramou sobre a cabeça de Saul, abraçou-o e disse-lhe: “Não foi Iahweh que te ungiu como chefe de sua herança? <u>És tu que julgarás o povo de Iahweh e os livrarás das mãos dos seus inimigos ao redor. E este é o sinal de que Iahweh te ungiu como chefe da sua herança.</u> ”	Samuel apanhou um jarro de óleo, derramou-o sobre a cabeça de Saul e o beijou, dizendo: “O SENHOR o ungiu como líder da herança dele”.

Nota-se que a tradução da BJ é mais extensa do que a da TEB e a da BENVI, tendo em vista que, na BJ, há um trecho adicional, que sublinhamos. Esse trecho não consta no TM. De acordo com Treballe Barrera (1999, p. 443), a ausência se deve a um caso de haplografia (cf. seção 2.2.1, alínea *d*), em que o copista saltou inconscientemente do primeiro “chefe da sua herança” para o segundo, omitindo o trecho que havia entre um e outro. Deste modo, Treballe Barrera sugere que a

redação tida como autógrafa para I Samuel 10:1 não é a que consta no TM, mas na Septuaginta e nos MMM.

Passando agora para o nosso corpus, a TEB e a BENVI, apesar de terem traduzido a passagem de acordo com o TM, fornecem o trecho adicional no rodapé. No entanto, as duas parecem não admitir que esse trecho, preservado na Septuaginta e nos MMM, faz parte da redação autógrafa, e que não consta no TM devido a uma alteração involuntária cometida pelos copistas. A TEB, por exemplo, registra, em nota, apenas que a Septuaginta apresenta um trecho a mais para o versículo (aquele que os escribas omitiram acidentalmente). A BENVI fez o mesmo, mas com a informação adicional de que esse trecho aparece também na Vulgata. A BJ, por outro lado, apesar de ter traduzido a passagem de acordo com a redação considerada autógrafa, não traz esclarecimento algum sobre a fonte que utilizou, tampouco informa que o versículo está incompleto no TM, versão que o prefácio da BJ registra ter sido a sua principal fonte utilizada na tradução.

### 3.2.1.6 – Idade que Saul tinha quando começou a reinar (I Samuel 13:1)

Nosso corpus traduziu essa passagem das seguintes maneiras:

TEB	BJ	BENVI
Saul tinha... anos, quando se tornou rei, e ele reinou <u>dois anos</u> sobre Israel.	Saul tinha... anos quando subiu ao trono, e reinou <u>dois anos</u> sobre Israel.	Saul tinha <u>trinta anos</u> de idade quando começou a reinar, e reinou sobre Israel <u>quarenta e dois anos</u> .

I Samuel 13:1 certamente é uma das passagens mais problemáticas para todo tradutor da Bíblia. Este versículo especifica a idade que Saul tinha quando subiu ao trono de Israel, bem como por quanto tempo ele governou a nação. Mas, conforme observam Geisler e Howe (1999, p. 167), o problema está justamente no fato de a idade de Saul não aparecer no TM, além de que o número de anos que ele atuou como rei provavelmente não está correto (ou foi alterado) no TM. Sendo assim, esses dois autores postulam que as traduções da Bíblia que indicam a idade de Saul na passagem em questão, bem como a quantia exata de anos que ele governou Israel, fazem-no com base em dados colhidos de outras fontes que não o TM.

Quanto às bíblias que utilizamos neste trabalho, podemos

perceber que a TEB e a BJ traduziram a passagem de acordo com o TM, representando, com reticências, a lacuna da idade. Já a BENVI é a que tem a tradução mais diferente, em termos de informatividade. Vejamos, agora, os comentários que cada bíblia do corpus destinou a I Samuel 13:1. Sobre a duração do reinado de Saul, a TEB (1994, p. 420) diz ser pouco provável terem sido apenas dois anos; e, no que diz respeito à idade, pondera que o escriba a ignorava, ou, por algum motivo desconhecido, o número desapareceu do texto. A TEB ainda fornece as variantes que constam em algumas traduções antigas da Bíblia para a idade de Saul, ressaltando que a passagem não consta (ou foi omitida) na Septuaginta. No que diz respeito à BJ (2002, p. 405), esta diz que a idade de Saul é um dado desconhecido ou que desapareceu acidentalmente do texto. Quanto à duração do reinado, essa Bíblia informa que o número de anos foi reduzido provavelmente por questões teológicas, talvez para conformar o texto com II Samuel 2:10<sup>22</sup>, que trata do mesmo assunto.

A BENVI (2003, p. 437) traz duas notas de rodapé para o versículo. A primeira, relativa à idade de Saul, esclarece que a informação foi retirada de alguns poucos manuscritos tardios da Septuaginta, o que já entra em conflito com a informação apresentada pela TEB, de que I Samuel 13:1 não consta (ou foi omitido) na Septuaginta. A segunda nota diz respeito à duração do reinado. A nota é breve e diz o seguinte: “veja o número arredondado em Atos 13:21. O Texto Massorético não traz quarenta”. Ao checarmos Atos 13:21, na própria BENVI, encontramos o seguinte texto:

*Então o povo pediu um rei, e Deus lhes deu Saul, filho de Quis, da tribo de Benjamim, que reinou quarenta anos.*

Isso quer dizer que parece ter sido no livro de Atos dos Apóstolos que a BENVI se baseou para estimar a duração do reinado de Saul. No entanto, tal livro registra que foram quarenta anos, ao passo que a BENVI registra quarenta e dois na passagem problemática de I Samuel 13:1, e isso sem explicar o motivo de ter optado pela inclusão de mais dois anos, limitando-se apenas a dizer que o dado fornecido pelo livro de Atos está arredondado. Se partirmos do pressuposto de que temos a colagem de informações registradas em duas fontes distintas (dois anos no TM + quarenta anos em Atos) no texto de I Samuel 13:1 da BENVI,

---

<sup>22</sup> Isbaal, filho de Saul, tinha quarenta anos quando se tornou rei de Israel, e reinou dois anos. (II Samuel 2:10)

é possível concluir que os tradutores dessa Bíblia fizeram uma espécie de confluência (cf. seção 2.2.2, alínea *f*) ao traduzir essa passagem.

### 3.2.1.7 – Condução da arca da aliança (II Samuel 6:3-4)

Essa passagem foi traduzida como segue pelas bíblias do nosso corpus:

TEB	BJ	BENVI
<p>3 Puseram a arca de Deus sobre um carro <u>novo e a levaram da casa de Abinadab, situada sobre a colina.</u> Uzá e Ahiô, filhos de Abinadab, conduziam o carro <b>novo.</b> 4 <b>Conduziram-no da casa de Abinadab, situada sobre a colina,</b> com a arca de Deus, e Ahiô caminhava diante da arca.</p>	<p>3 Colocaram a Arca de Deus sobre um carro novo e a levaram da casa de Abinadab, que está no alto da colina. Oza e Aio, filhos de Abinadab, conduziam o carro. 4 Oza caminhava à esquerda da Arca de Deus, e Aio caminhava adiante dela.</p>	<p>3 Puseram a arca de Deus num carroção novo e a levaram da casa de Abinadabe, na colina. Uzá e Aiô, filhos de Abinadabe, conduziam o carroção 4 com a arca de Deus; Aiô andava na frente dela.</p>

Como podemos perceber, a tradução da TEB é mais longa do que a da BJ e a da BENVI. Isso se deve ao fato de a TEB ter traduzido essa passagem a partir do TM, no qual, de acordo com Trebelle Barrera (1999, p. 443), o trecho assinalado em negrito é uma mera repetição do trecho sublinhado. Temos, assim, o que a crítica textual chama de *ditografia* (cf. seção 2.2.1, alínea *e*). Deste modo, esse autor sugere que a redação autógrafa é a que se conservou na Septuaginta e nos MMM, visto que o trecho não está repetido nesses dois testemunhos antigos do texto bíblico.

A TEB, além de ter traduzido II Samuel 6:3-4 de acordo com o TM, parece não reconhecer que a passagem foi submetida a uma alteração involuntária de copista, pois essa Bíblia não assinala a ditografia em seu aparato crítico. Já a BJ apenas menciona que há um trecho repetido no TM, sem esclarecer que se trata de um erro de copista e sem especificar a fonte que usou para traduzir a passagem de acordo

com a redação tida como autógrafa. E a BENVI afirma explicitamente que traduziu II Samuel 6:3-4 de acordo com a Septuaginta e os MMM, acrescentando, também em nota, a passagem tal como aparece no TM.

### 3.2.1.8 – Idade que Acazias tinha quando começou a reinar (II Reis 8:26 e II Crônicas 22:2)

Uma das principais características da Bíblia é o interrelacionamento de conteúdo dos livros que a compõem, o que é evidenciado pelas citações de passagens de um livro em outro ou até no mesmo livro. Porém, nem todas essas passagens coincidem entre si em termos de conteúdo e informatividade, uma característica que também acaba se refletindo na tradução. Um típico caso são as passagens de II Reis 8:26 e II Crônicas 22:2, que registram a idade que Acazias tinha quando começou a reinar. Vejamos, primeiramente, como nosso corpus traduziu II Reis 8:26:

TEB	BJ	BENVI
Acazias tinha <u>vinte e dois</u> anos quando se tornou rei, e reinou durante um ano em Jerusalém.	[Acazias] tinha <u>vinte e dois</u> anos quando começou a reinar e reinou um ano em Jerusalém.	[Acazias] tinha <u>vinte e dois</u> anos de idade quando começou a reinar, e reinou um ano em Jerusalém.

Já a passagem paralela que consta em II Crônicas 22:2, foi traduzida como segue:

TEB	BJ	BENVI
Acazias tinha <u>quarenta e dois</u> anos quando se tornou rei, e reinou um ano em Jerusalém.	[Acazias] tinha <u>quarenta e dois</u> anos quando começou a reinar e reinou um ano em Jerusalém.	Acazias tinha <u>vinte e dois</u> anos de idade quando começou a reinar, e reinou um ano em Jerusalém.

Como vemos, consta “vinte e dois anos” em II Reis 8:26 nas três versões do nosso corpus. Aliás, segundo os especialistas, essa informação está correta, conforme veremos mais adiante. Entretanto, na passagem paralela de II Crônicas 22:2, consta “quarenta e dois anos” na TEB e na BJ, o que já contradiz II Reis 8:26, passagem em que consta “vinte e dois anos” nessas duas bíblias. Geisler e Howe (1999, p. 201)

esclarecem que a divergência na idade de Acazias é oriunda de um erro de copista e que, além disso, a informação correta é a que consta em II Reis 8:26. A justificativa apresentada por esses dois autores é tomada da própria Bíblia, mais especificamente do texto de II Reis 8:17, passagem que registra que Jeorão, pai de Acazias, morreu aos quarenta anos, oito depois de ter começado a reinar. Como o relato de II Crônicas 22:1 revela que, no lugar de Jeorão, os habitantes de Jerusalém elegeram Acazias para ser rei, ele não poderia estar com 42 anos, caso contrário, seria mais velho do que o próprio pai.

Isso serve para confirmar que a idade de Acazias está incorreta em II Crônicas 22:2, devido à passagem ter sido alterada inconscientemente pelos escribas, os quais, conforme Geisler e Nix (1997, p. 93), cometeram o erro denominado metátese (cf. seção 2.2.1, alínea c). Como as letras do alfabeto hebraico também são utilizadas para representar os números, os erros de metátese acabaram ocasionando algumas alterações numéricas involuntárias no TM, e II Crônicas 22:2 é um desses casos.

Das traduções analisadas, é possível perceber que a TEB e a BJ transferiram para o texto na língua de chegada a informação incorreta que consta no TM (42 anos). Porém, ambas esclarecem para o leitor o problema textual apresentado por essa passagem bíblica. A TEB (1994, p. 1510), por exemplo, sugere que a variante de II Crônicas 22:2 está incorreta. Além de remeter o leitor à II Reis 8:26, onde consta 22 anos para a idade de Acazias, ela também pondera, assim como Geisler e Howe (1999, p. 201-202), que era impossível Acazias estar com 42 anos quando subiu ao trono.

Quanto à BJ (2002, p. 607), na nota que dedica à II Crônicas 22:2, limitou-se apenas a citar a variante que II Reis 8:26 traz para a idade de Acazias, sem fornecer explicação alguma sobre a divergência dos dados, nem sobre qual das variantes pode ser a correta. E, por fim, a BENVI (2003, p. 715) foi a única que reproduziu no texto traduzido de II Crônicas 22:2 a informação tida como certa, ou seja, que Acazias tinha 22 anos quando subiu ao trono. A nota de rodapé referente a essa passagem traz a variante que consta no TM (42 anos) e revela que a informação considerada correta foi recuperada da Septuaginta e da Peshitta.

### 3.2.1.9 – De “túmulo” para “interior” (Salmo 49:12)

Vejamos como as bíblias que selecionamos traduziram essa passagem:

TEB	BJ	BENVI
Tinham por eternas suas casas, imperecíveis suas moradas, e às glebas deram seu nome!	Seus <u>túmulos</u> são para sempre suas casas, suas moradias de geração em geração; e eles davam o próprio nome às suas terras.	Seus <u>túmulos</u> serão suas moradas para sempre, suas habitações de geração em geração, ainda que tenham dado seus nomes a terras.

Podemos perceber que, no geral, a tradução da BJ e da BENVI concorda em termos de conteúdo e informatividade, enquanto que a TEB difere das duas. O problema do Salmo 49:12, de acordo com Treballe Barrera (1999, p. 442), consiste que o início dessa passagem não está correto no TM, em virtude de um caso de metátese (cf. seção 2.2.1, alínea c), em que o copista inverteu inconscientemente duas letras da palavra hebraica QIBRÂM, cujo significado é “túmulo”, tendo-a copiado como QIRBÂM, que significa “interior”. Treballe Barrera ainda observa que “interior” é inadequado ao contexto imediato do qual o versículo faz parte, que fala de morte igual para sábios e néscios. Sendo assim, ele sugere que a redação autógrafa provavelmente é a que está preservada nos targuns, na Septuaginta, na Peshitta e na Vulgata, pois todas essas obras trazem “túmulos” no início do Salmo 49:12.

Ainda de acordo com Treballe Barrera (1999, p. 442), os comentaristas judeus da Idade Média ficavam confusos diante da redação que o TM apresenta para o Salmo 49:12. Rashi, rabino medieval autor de comentários exegéticos sobre o Tanakh que se tornaram modelo dentro do judaísmo, chegou a fazer uma leitura do versículo, dizendo que “interior” se referia ao pensamento humano, e propôs a seguinte interpretação: *“seu pensamento interior é que suas casas durarão para sempre”*. Enfim, apesar de haver rabinos que reconheciam que a redação confusa de tal passagem era devida a um erro de copista e de as três traduções antigas da Bíblia mais renomadas trazerem todas o termo “túmulos” para o Salmo 49:12, Treballe Barrera (1999, p. 442) sugere que ninguém ainda se atreveu a modificar o TM, por ser a única tradição textual autorizada no judaísmo, e que o erro é reconhecido apenas no Talmud da Babilônia, o qual registra que se deve ler *túmulo*, e não *interior*.

Como podemos perceber, a BJ e a BENVI não seguiram o TM na tradução do Salmo 49:12, pois o versículo está de acordo com a redação apontada como autógrafa por Treballe Barrera (túmulos). A BJ (2002, p.

913) diz que o TM traz “interior” devido à troca de duas letras (a única das três a citar a metátese), mas não menciona que se trata de um erro inconsciente cometido pelos copistas. A BJ também expõe que a variante “túmulos” foi recuperada das versões antigas, mas não especifica de quais delas. A BENVI (2003, p. 928) já foi mais específica nesse ponto: além de trazer em nota a variante que consta no TM para o Salmo 49:12, revela que traduziu o versículo de acordo com a Septuaginta e a Peshitta.

Por último, notamos que a TEB resolveu o problema textual do Salmo 49:12 omitindo a palavra que causa a confusão, pois não aparece, no texto traduzido dessa Bíblia, nem a variante que consta no TM (interior), nem a considerada correta pelos especialistas (túmulos). A nota de rodapé que a TEB (1994, p. 1057) dedica à passagem fornece três explicações: 1) que a tradução de tal versículo é incerta; 2) que os comentários rabínicos interpretam QIRBÂM (interior) como “interior do ser humano” e 3) que consta “túmulo” nas traduções antigas.

### 3.2.2 – Passagens do Novo Testamento

Apresentamos, a seguir, as passagens do NT que selecionamos e a descrição de como nosso corpus lidou com cada uma delas.

#### 3.2.2.1 – Doxologia da oração do Pai Nosso (Mateus 6:13)

Mateus 6:13 corresponde à parte final da oração do Pai Nosso, ensinada por Jesus aos seus discípulos, e que os cristãos têm o hábito de recitar. Nosso corpus traduziu o versículo conforme segue:

TEB	BJ	BENVI
E não nos introduzas na tentação, mas livra-nos do Tentador.	E não nos submetas à tentação, mas livra-nos do Maligno.	E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal, <u>porque teu é o Reino, o poder e a glória para sempre. Amém.</u>

Como vemos, a tradução da BENVI possui um trecho adicional, que não aparece na TEB e na BJ. De acordo com Paroschi (1999, p. 174), de todas as passagens bíblicas que apresentam problemas textuais, a oração do Pai Nosso é uma das mais conhecidas, pois marca a

diferença entre católicos e protestantes, devido ao fato de que na tradição protestante há uma doxologia<sup>23</sup> que não aparece no catolicismo. Paroschi (1999, p. 176) afirma que as evidências documentais levam a crer que a doxologia que aparece na tradição protestante (o trecho que sublinhamos na tradução da BENVI) é um acréscimo posterior, por três motivos principais: 1) não consta nos dois manuscritos neotestamentários mais antigos que chegaram até nós (o Códice Sinaítico e o Códice Vaticano); 2) não aparece nos primeiros comentários sobre o Pai Nosso elaborados pelos pais da Igreja<sup>24</sup>; 3) sua ocorrência é mais comum nos manuscritos que trazem o texto bizantino, ou seja, os mais recentes.

Além disso, Paroschi (1999, p. 176-177) chama a atenção para o fato de a doxologia não aparecer na oração do Pai Nosso relatada no evangelho de Lucas, no trecho 11:2-4, nem mesmo nos manuscritos neotestamentários mais recentes, o que parece ser mais uma evidência de que o texto de Mateus 6:13 da tradição protestante foi mesmo submetido a um acréscimo voluntário posterior, feito provavelmente quando algum líder eclesiástico julgou que a oração necessitava de um complemento litúrgico, a fim de se adequar à prática herdada do judaísmo, de encerrar todas as orações públicas com uma doxologia formal de aclamação à divindade. E o fato é que a doxologia acabou por influenciar a própria transmissão do texto entre os protestantes, já que acabou sendo incorporada em muitos manuscritos.

Mas, como explicar o fato de a doxologia não aparecer na tradição católica? Segundo Paroschi (1999, p. 178), o catolicismo segue a tradição textual da Vulgata, sendo que esta obra não traz a doxologia consolidada no protestantismo, certamente porque Jerônimo utilizou manuscritos gregos em que esse texto não estava registrado. Por outro lado, tendo em vista ser provável que a doxologia se originou nas igrejas da Síria, ela acabou sendo acrescentada nos manuscritos do NT aí copiados, os quais pertencem à tradição textual cesariense. Mais tarde, a doxologia teria passado para os manuscritos da tradição bizantina, que formam a base do TR (Texto Recebido), obra que, durante séculos, foi o texto-fonte utilizado nas traduções protestantes da Bíblia.

Quanto às traduções do nosso corpus, o quadro acima nos mostra que a TEB e a BJ traduziram Mateus 6:13 conforme as evidências documentais mais antigas do NT, ou seja, omitindo a doxologia que

---

<sup>23</sup> Expressão de louvor à divindade.

<sup>24</sup> O nome "pais da Igreja" originou-se no século II d.C. e é utilizado para designar os primeiros teólogos cristãos.

aparece na tradição protestante. Porém, ambas acrescentam em nota. A BJ (2002, p. 1713) se refere a ela apenas como uma adição, sem trazer esclarecimento teórico algum. Por outro lado, a TEB (1994, p. 1868) já é mais específica, pois diz que numerosos manuscritos reproduzem no final de Mateus 6:13 a fórmula de uma antiga liturgia cristã. No entanto, a TEB não menciona que esses manuscritos, apesar de numerosos, são tardios, pertencentes à tradição bizantina, portanto, têm valor crítico baixo. Quanto à BENVI (2003, p. 1627), certamente por se tratar de uma Bíblia voltada para o público protestante, o tratamento tradutório dado foi outro: a doxologia aparece no próprio texto traduzido. Em nota, é mencionado apenas que alguns manuscritos não a registram. Com isso, mais do que estarem seguindo a tradição protestante para o texto de Mateus 6:13, pode-se concluir que os tradutores da BENVI estão justificando que a doxologia deve aparecer no próprio texto bíblico, pois, ao empregarem em nota que “alguns manuscritos não trazem a doxologia”, sem explicar que esses manuscritos são os testemunhos mais antigos, parecem estar defendendo que a quantidade das evidências documentais deve prevalecer na escolha de uma variante, e não a antiguidade delas.

### 3.2.2.2 – Epílogo do Evangelho de Marcos (16:9-20)

Hoje conhecido no meio acadêmico teológico como *a longa conclusão de Marcos*, o epílogo do segundo<sup>25</sup> evangelho que encontramos nas traduções da Bíblia é o que consta no TR e em aproximadamente 99% dos cerca de 5500 manuscritos neotestamentários catalogados. De acordo com Geisler e Howe (1999, p. 385), isso é suficiente para fazer muitos estudiosos conservadores crerem que a conclusão do segundo evangelho, que corresponde ao trecho 16:9-20, realmente constava no texto escrito por Marcos. Entretanto, há fortes oposições quanto a esse ponto de vista. Em primeiro lugar, Geisler e Howe (1999, p. 385) postulam que os estudiosos que usam a crítica textual como metodologia, para recuperar o que consideram ser a forma autógrafa dos textos bíblicos, defendem que a autenticidade de uma passagem problemática não deve ser corroborada apenas pela quantidade de manuscritos que a trazem. De

---

<sup>25</sup> Mateus, Marcos, Lucas e João. Essa é a ordem em que os evangelhos canônicos aparecem na Bíblia. Em virtude disso, utilizaremos “primeiro evangelho, segundo evangelho, terceiro evangelho e quarto evangelho” para designar esses quatro livros da Bíblia que trazem os atos de Cristo em vida.

acordo com eles, é necessário também levar em conta, acima de tudo, se tal passagem está registrada nos testemunhos mais antigos e qualificados. Sendo assim, conforme aponta Paroschi (1999, p. 184), desde a descoberta do Códice Sinaítico, a conclusão do evangelho de Marcos presente nas traduções da Bíblia tem tido sua autenticidade<sup>26</sup> questionada, provavelmente em virtude de não aparecer neste manuscrito. Além disso, parece que a publicação do Códice Vaticano, ocorrida pouco tempo depois da descoberta do Códice Sinaítico, reforçou as dúvidas, uma vez que o Códice Vaticano também não traz o epílogo.

Isto posto, segundo Geisler e Howe (1999, p. 385-386) e Paroschi (1999, p. 186-187), os críticos textuais que lançam dúvidas com relação à autenticidade do epílogo de Marcos o fazem com base nos seguintes pressupostos:

- a) Alguns manuscritos do NT trazem outro desfecho para o segundo evangelho, bem breve, conhecido como *a pequena conclusão de Marcos*, e que os críticos textuais também defendem não ser o epílogo original;
- b) Em outra parcela de manuscritos, consta a conclusão pequena, seguida pela longa;
- c) Tanto a conclusão longa quanto a pequena não constam nos dois manuscritos gregos mais antigos do NT (os códices Sinaítico e Vaticano), os quais pertencem à tradição textual alexandrina, ou seja, aquela que é tida como sendo a que melhor preservou o que se julga ser a redação autógrafa do NT;
- d) Verifica-se em vários manuscritos, que trazem a longa conclusão, a presença de notas declarando que ela não consta nas cópias mais antigas do NT, enquanto em outros se observam asteriscos ou óbelos, que eram os sinais gráficos mais comuns que os copistas utilizavam para indicar um acréscimo posterior ao texto;
- e) A longa conclusão está ausente nas traduções mais antigas da Bíblia feitas para as línguas latina, siríaca, armênia e etíope;

---

<sup>26</sup> Estamos usando o termo “autenticidade” aqui não para nos referirmos à credibilidade do conteúdo do epílogo do segundo evangelho, mas ao fato de este provavelmente não aparecer na redação autógrafa de Marcos.

- f) Os primeiros pais da Igreja demonstram não conhecer a longa conclusão, pois ela não aparece nos comentários evangelísticos feitos por eles;
- g) O estilo e o vocabulário de Marcos 16:9-20 são diferentes do estilo e do vocabulário utilizados em outras partes desse evangelho, bem como no restante do NT;
- h) Apesar de ter incluído a longa conclusão na Vulgata, Jerônimo admitiu que ela não constava em quase todos os manuscritos gregos com que se deparou.

Os fatos arrolados acima permitem concluir que o epílogo do evangelho de Marcos presente nas traduções da Bíblia não fazia parte do texto autógrafo, sendo, portanto, um acréscimo posterior feito por copistas. Se levarmos em conta as evidências documentais mais antigas, temos de admitir que o segundo evangelho realmente acaba no versículo 8. Aliás, de acordo com Brown (2004, p. 231), essa é a opinião da maioria dos estudiosos. Entretanto, há quem argumente a favor de um final que se perdeu. Por exemplo, Paroschi (1999, p. 189) defende ser pouco provável que Marcos concluísse as boas novas de Cristo com um relato tão sombrio de mulheres fugindo amedrontadas<sup>27</sup>, embora ele admita que haja quem acredite nisso. Já Trebolle Barrera (1999, p. 496) postula que a narrativa termina de forma abrupta demais no versículo 8, e este seria um indício de que o texto continuava. Tanto Paroschi (1999, p. 189) quanto Trebolle Barrera (1999, p. 496) defendem ser razoável admitir que a última página do manuscrito que trazia a conclusão original foi perdida ou destruída acidentalmente, antes que desse tempo de o texto de Marcos começar a ser copiado, e que o epílogo que hoje consta nas traduções da Bíblia é um acréscimo posterior feito por copistas no início do século II d.C., que acabou passando para a maioria das cópias manuscritas do NT, vindo a se consolidar no TR.

No que diz respeito ao nosso corpus, os tradutores de todas as Bíblias que estamos analisando incluíram o trecho 16:9-20 de Marcos no próprio texto traduzido, provavelmente influenciados pela evidente antiguidade da longa conclusão do segundo evangelho e pela importância que esta conquistou na tradição textual do NT. Quanto aos comentários de rodapé dedicados à passagem, a TEB, a BJ e a BENVI

---

<sup>27</sup> E, saindo elas apressadamente, fugiram do sepulcro, porque estavam possuídas de temor e assombro; e nada diziam a ninguém porque temiam. (Evangelho de Marcos 16:8)

como que fizeram um resumo do que apresentamos acima. Elas registram que: 1) o segundo evangelho ou termina em 16:8 ou seu desfecho original se perdeu muito cedo, sendo substituído pelo trecho 9-20; 2) a passagem não aparece nos manuscritos gregos do NT mais antigos e mais importantes; 3) há manuscritos que trazem outro epílogo para o evangelho; 4) o trecho apresenta certas particularidades de vocabulário, estilo e conteúdo teológico diferentes do restante do texto de Marcos; 4) existe grande dúvida se a conclusão como a conhecemos hoje foi mesmo escrita por esse evangelista. A BJ (2002, p. 1785) acrescenta que, embora as evidências documentais apontem que o trecho 16:9-20 de Marcos é um acréscimo de copista, esta passagem, além de tida como canônica, é uma autêntica relíquia da primeira geração de cristãos.

### 3.2.2.3 – Oração de Cristo (Lucas 22:42-44)

Essa passagem diz respeito à oração que Cristo fez no Monte das Oliveiras, antes de ser preso e crucificado. De acordo com o aparato crítico da TNMES (1986, p. 1226), o Códice Sinaítico, o Códice Beza, a Vulgata e a Peshitta trazem o seguinte texto para Lucas 22:42-44:

*42 Pai, se queres, passa de mim este cálice; todavia, não se faça a minha vontade, mas a tua. 43 E apareceu-lhe um anjo do céu, que o fortalecia. 44 E, posto em agonia, orava mais intensamente. E o seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue, que corriam até ao chão.*

Mas a TNMES (1986, p. 1226) sugere que os testemunhos mais antigos para o texto do NT estão divididos quanto ao excerto sublinhado, pois, apesar de aparecer nos quatro que citamos acima, ela diz que o excerto está ausente nos códices Vaticano, Alexandrino e Washingtoniano, que também são testemunhos de grande valor para o texto do NT. Temos, então, um problema que não é tão simples de solucionar, já que não há como saber, pelos testemunhos mais antigos, se os versículos 43 e 44 constavam ou não no que os especialistas consideram ser o texto autógrafa de Lucas.

Paroschi (1999, p. 101-102) fornece uma explicação razoável para o que pode ter causado essa divergência entre os manuscritos neotestamentários mais antigos. De acordo com ele, o trecho sublinhado é certamente um acréscimo de copista, que não fazia parte da redação autógrafa do terceiro evangelho. Antes de se consolidar nos manuscritos da tradição bizantina, e, posteriormente, no TR, é provável que tal

acréscimo tenha sido incluído no texto de Lucas logo nos primórdios do cristianismo, em cópias que eram feitas em uma região específica, o que explica o fato de os versículos 43 e 44 não aparecerem em outras cópias antigas do NT, feitas em outras regiões.

Mas o que chama a atenção na passagem que estamos agora discutindo é que se trata de um caso especial de alteração de escriba. Segundo Paroschi (1999, p. 101),

narrativas autênticas que envolviam Jesus e os apóstolos haviam sido deixadas de fora do texto pelos autores neotestamentários, mas foram preservadas por alguma tradição oral ou escrita, até serem finalmente acrescentadas [por escribas] em manuscritos bíblicos posteriores.

Sendo assim, Paroschi (1999, p. 102) defende que os versículos 43 e 44 de Lucas 22 provavelmente dizem respeito a uma narrativa legítima sobre Jesus, que circulava entre as primeiras gerações de cristãos, narrativa essa que havia sido deixada de fora do NT pelos apóstolos, até que os copistas resolveram incluí-la. Para reforçar seu ponto de vista, Paroschi (1999, p. 101) postula que os próprios evangelhos canônicos mencionam que Cristo fez muito mais do que aquilo que eles registram. João 21:25 menciona algo nesse sentido<sup>28</sup>. Esse autor ainda diz que os outros livros do NT contêm algumas declarações atribuídas a Cristo, as quais não são encontradas em nenhum dos quatro evangelhos. Ele cita como exemplo Atos 20:35, passagem em que Paulo conclui seu discurso na igreja de Éfeso citando uma frase de Jesus, que só aparece nessa passagem, em todo o NT<sup>29</sup>.

Quanto ao nosso corpus, todas as versões foram unânimes em incluir os versículos 43 e 44 no próprio texto traduzido. Porém, a TEB e a BJ, discordando de Paroschi, apresentam outro motivo para o fato de os dois versículos não constarem em alguns dos testemunhos mais confiáveis para o texto do NT. A BJ (2002, p. 1829), por exemplo, postula que o trecho tem o mesmo estilo e o mesmo cunho de Lucas, sendo este um indício de que constava na redação autógrafa do terceiro evangelho. De qualquer forma, tanto a TEB (1994, p. 2029) quanto a BJ

<sup>28</sup> Ainda há muitas coisas que Jesus fez. Se todas fossem escritas, uma por uma, acho que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos. (Evangelho de João 21:25)

<sup>29</sup> Em tudo tenho mostrado a vocês que é trabalhando assim que podemos ajudar os necessitados. Lembrem das palavras do Senhor Jesus: “É mais feliz quem dá do que quem recebe.” (Atos 20:35)

(2002, p. 1829) defendem que os versículos não constam em alguns dos manuscritos mais antigos em virtude de provavelmente terem sido omitidos por copistas que julgaram que o trecho era incompatível com a divindade que se atribui a Jesus, já que acentuava demais a humanidade daquele que afirmava ser o filho de Deus. No que diz respeito à BENVI, ela limitou-se apenas a mencionar que alguns manuscritos não trazem os versículos 43 e 44 de Lucas 22, sem especificar que esses manuscritos estão entre os testemunhos mais antigos e confiáveis para o texto do NT, algo que a TEB e a BJ assinalaram.

### 3.2.2.4 – O paralítico na piscina de Betesda (João 5:2-7)

Essa passagem foi traduzida da seguinte maneira pelo nosso corpus:

TEB	BJ	BENVI
<p>2 Ora, existe em Jerusalém, perto da porta das Ovelhas, uma piscina que se chama em hebraico Betzatá. Ela tem cinco pórticos, 3 debaixo dos quais jazia uma multidão de doentes, cegos, coxos, paralíticos [...4] 5 Havia lá um homem enfermo fazia já trinta e oito anos. 6 Jesus o viu deitado e, sendo informado de que ele estava nesse estado já desde muito tempo, disse-lhe: “Queres ficar curado?” 7 O enfermo lhe respondeu: “Senhor, eu não tenho ninguém para mergulhar-me na</p>	<p>2 Existe em Jerusalém, junto à Porta das Ovelhas, uma piscina que, em hebraico, se chama Bethzata, com cinco pórticos. 3 Sob esses pórticos, deitados pelo chão, numerosos doentes, cegos, coxos e paralíticos <u>ficavam esperando o borbulhar da água.</u> 4 <u>Porque o Anjo do Senhor se lavava, de vez em quando, na piscina e agitava a água; o primeiro, então, que aí entrasse, depois que a água fora agitada, ficava curado, qualquer que fosse a doença.</u> 5 Encontrava-se aí um homem,</p>	<p>2 Há em Jerusalém, perto da porta das Ovelhas, um tanque que, em aramaico, é chamado Betesda, tendo cinco entradas em volta. 3 Ali costumava ficar grande número de pessoas doentes e inválidas: cegos, mancos e paralíticos. <u>Eles esperavam um movimento nas águas.</u> 4 <u>De vez em quando descia um anjo do Senhor e agitava as águas. O primeiro que entrasse no tanque, depois de agitadas as águas, era curado de qualquer doença que tivesse.</u> 5 Um dos que estavam ali era</p>

<p>piscina no momento em que a água começa a se agitar; e, no tempo que levo para chegar lá, outro desceu antes de mim”.</p>	<p>doente havia trinta e oito anos. 6 Jesus, vendo-o deitado e sabendo que já estava assim havia muito tempo, perguntou-lhe: “Queres ficar curado?” 7 Respondeu-lhe o enfermo: “Senhor, não tenho quem me jogue na piscina, quando a água é agitada; ao chegar, outro já desceu antes de mim.”</p>	<p>paralítico fazia trinta e oito anos. 6 Quando o viu deitado e soube que ele vivia naquele estado durante tanto tempo, Jesus lhe perguntou: “Você quer ser curado?” 7 Disse o paralítico: “Senhor, não tenho ninguém que me ajude a entrar no tanque quando a água é agitada. Enquanto estou tentando entrar, outro chega antes de mim.”</p>
--	--	--

Como podemos perceber, a tradução da TEB é mais breve, visto que ela não traz o comentário explicativo sobre o que fazia a água da piscina se movimentar (o trecho que sublinhamos na tradução da BJ e da BENVI). O problema dessa passagem do quarto evangelho consiste no fato de que a parte sublinhada, de acordo com o aparato crítico da TNMES (1986, p. 1236), não consta em importantes manuscritos gregos do NT, a saber, os códices Sinaítico, Vaticano e Beza, além de não aparecer também na Peshitta e na Vulgata. Paroschi (1999, p. 195-197) vai mais longe, dizendo que o comentário sobre o que fazia a água se mover não é parte integrante do que se considera ser o texto autógrafo do quarto evangelho. Uma das evidências que ele cita é o fato de mais de vinte manuscritos em grego em que a passagem aparece trazerem-na com asteriscos ou óbelos, indicando que se trata de um acréscimo. O ponto de vista de Paroschi (1999, p. 197) é que o texto sublinhado parece ter sido originalmente um comentário marginal que começou a ser anotado nas cópias do evangelho de João, na tentativa de fornecer um esclarecimento para o motivo que fazia a água da piscina de Betesda se movimentar de tempos em tempos, já que a redação autógrafa, apesar de não trazer explicação alguma a esse respeito, parece exigir uma. Posteriormente, a nota acabou sendo incorporada por copistas ao texto do quarto evangelho, popularizando-se nos manuscritos bizantinos e vindo a se consolidar no TR.

Quanto aos comentários que as versões do nosso corpus

destinaram à passagem, a TEB (1994, p. 2052) e a BENVI (2003, p. 1797) mencionam que a maioria dos manuscritos antigos não traz o excerto, além de esclarecerem que não há dúvida de que se trata de um acréscimo posterior, uma espécie de preparação para os versículos seguintes, cujo objetivo é explicar o porquê de um grande número de pessoas doentes ficar esperando, ao lado da piscina, a água se movimentar. A BJ (2002, p. 1853) especifica que os manuscritos que não trazem a passagem são os da tradição alexandrina, um detalhe não mencionado pela TEB e pela BENVI.

No entanto, diferentemente de Paroschi, da TEB e da BENVI, a BJ não reconhece que o trecho sublinhado é um acréscimo de copista. Isso fica evidente em dois dos comentários em nota que ela dedica à passagem: 1) o versículo 4 é necessário para entender a narrativa; 2) a ausência do trecho nos manuscritos alexandrinos pode ser devido aos escribas egípcios terem julgado estranha demais a ideia de um anjo que se lava numa piscina, o que provavelmente culminou na omissão voluntária da passagem, que acabou sendo preservada nas outras tradições de textos locais. Contudo, é possível perceber certa inconsistência nesse ponto de vista da BJ, pois, de acordo com Paroschi (1999, p. 197), é difícil fornecer um motivo plausível que esclareça por que o trecho sublinhado está ausente nas cópias mais antigas e fidedignas ao que se acredita ser a forma textual autógrafa do NT. Sendo assim, ele diz que é mais fácil explicar como o excerto foi introduzido no quarto evangelho (neste caso, uma nota marginal incorporada posteriormente ao texto).

Além disso, Paroschi (1999, p. 198-199) também fornece uma explicação concreta para o suposto motivo que fazia a água se mover, bem como para a origem dos poderes miraculosos que se costumava atribuir à piscina de Betesda. Ele diz que o movimento da água pode ser devido à fonte que jorrava de tempos em tempos na piscina em grande torrente e logo parava, fonte essa que se acreditava ter poderes medicinais. Como consequência da pressão da fonte jorrando, as águas calmas da piscina eram agitadas com facilidade. Além disso, ele acrescenta que a informação do versículo 7 deve ser vista como a crença do paralítico, que, ao que parece, também era partilhada pelos outros doentes que lá jaziam. Stern (2008, p. 196) esclarece que escavações feitas onde supostamente ficava a piscina de Betesda revelaram que um ritual de cura acontecia nesse local, durante o período romano. Como deve ter havido casos de pessoas curadas, isso pode ter gerado entre o povo simples a lenda da intervenção sobrenatural do anjo, lenda essa que acabou sendo anotada na margem de algum manuscrito do NT para

explicar o movimento da água, sendo posteriormente incorporada por copistas no texto bíblico.

### 3.2.2.5 – Episódio da mulher adúltera (João 7:53 – 8:11)

Este trecho da Bíblia narra a história da mulher que, surpreendida em adultério, foi levada à presença de Cristo pelos escribas e fariseus, que pretendiam apedrejá-la. Porém, eles não o fizeram, pois Cristo retrucou que só lhe atirasse pedras quem dentre eles não tivesse pecados. O relato da mulher adúltera é uma passagem bíblica bastante conhecida dos cristãos, em virtude de conter a famosa frase “quem não tiver pecados, que atire a primeira pedra”. No entanto, essa passagem, assim como o epílogo do evangelho de Marcos, demonstra ser um dos problemas textuais mais significativos de toda a Bíblia, pois, de acordo com Paroschi (1999, p. 200), não se trata apenas de um versículo ou um trecho curto, como acontece na maioria das vezes, mas de uma seção inteira, ou seja, de um relato com princípio, meio e fim.

Conforme Geisler e Howe (1999, p. 422-423) e Trebolle Barrera (1999, p. 497), o problema textual de João 7:53 – 8:11 consiste no seguinte:

- a) A passagem está ausente nos manuscritos da tradição alexandrina e em parte da cesariense e da ocidental. O manuscrito em grego mais antigo a registrar a passagem é o Códice Beza, produzido por volta de 500 d.C. (cf. seção 1.4.2, alínea *a*);
- b) Ela não aparece nas traduções mais antigas da Bíblia feitas para o siríaco, copta, gótico e latim;
- c) Não há comentário algum acerca da passagem nas obras cristãs publicadas nos primeiros onze séculos do cristianismo;
- d) Não é citada pelos primeiros pais da igreja;
- e) Possui estilo e vocabulário diferentes do restante do quarto evangelho;
- f) O relato não se enquadra no contexto em que aparece, sendo muito pouco apropriado o lugar que ocupa (entre João 7:52 e 8:12);
- g) Há manuscritos em que o relato aparece após João 7:36, João 7:44, João 21:24 e Lucas 21:38;

- h) Muitos dos manuscritos que incluíram o relato após João 7:52 o assinalaram com um óbelo ou asterisco, a fim de indicar que se trata de uma passagem duvidosa.

Podemos interpretar esses fatos como evidências de que a história da mulher adúltera não é parte integrante do evangelho de João. Ou seja, eles parecem indicar que estamos diante de um acréscimo posterior, feito por copistas. Entretanto, isso não significa que o relato deva ser visto com descrédito. Pelo contrário, de acordo com Trebolle Barrera (1999, p. 497), trata-se de uma antiga e autêntica peça da tradição oral, o que é confirmado por Paroschi (1999, p. 204), que, na mesma linha de Lucas 22:42-44 (cf. seção 3.2.2.3), complementa informando que esse ato de Cristo originalmente não havia sido incluído em nenhum dos quatro evangelhos canônicos, mas que acabou sendo mais tarde anotado na margem do evangelho de João, talvez para ilustrar o que Cristo diz em 8:15 (“eu a ninguém julgo”). Com o passar do tempo, à medida que o evangelho ia sendo difundido, o relato foi provavelmente incorporado no próprio texto pelos copistas, cuja maioria provavelmente achou que a narrativa de João seria menos interrompida se a história fosse incluída após 7:52. Enfim, Geisler e Nix (1997, p. 97) defendem que, sob uma perspectiva crítico-textual, o relato da mulher adúltera deve ser colocado como apêndice no evangelho de João, com uma nota que explique que a passagem não consta nos manuscritos mais antigos.

Quanto às versões do corpus, todas foram unânimes em incluir João 7:53 – 8:11 no próprio texto traduzido, além de apresentar, em nota, os motivos que a tornam uma passagem bíblica problemática, os quais já arrolamos nas alíneas acima. Das três versões, a BJ (2002, p. 1862) foi a única a arriscar uma autoria para o episódio da mulher adúltera. No comentário que essa tradução da Bíblia dedica a João 7:53 – 8:11, está dito que o autor pode ter sido o terceiro evangelista, visto que é após Lucas 21:38 que o relato encontra excelente contexto. Aqui devemos mencionar que há cópias do NT que parecem ter seguido essa lógica, pois, como diz a alínea g acima, há manuscritos em que a história da mulher adúltera foi inserida após Lucas 21:38. Além disso, a BENVI (2003, p. 1806) observa que o relato estava mesmo originalmente ligado à outra narrativa, pois, antes do episódio da mulher adúltera, o texto bíblico, em João 7:45-52, fala de uma reunião no Sinédrio em que Cristo não estava presente. Sendo assim, tendo em vista que os versículos 7:53 e 8:1 dizem “E cada um foi para sua casa. Jesus, porém, foi para o monte das Oliveiras”, é possível ver nessa observação da BENVI mais uma evidência de que o excerto 7:53 – 8:11 realmente

não fazia parte da provável redação autógrafa do quarto evangelho, o que é confirmado pela TEB (1994, p. 2061), que se refere à passagem como uma “tradição textual independente”.

### 3.2.2.6 – Confissão de fé de um etíope (Atos 8:37)

No capítulo 8 de Atos dos Apóstolos, nos versículos 27 a 40, encontramos a narrativa de como ocorreu a conversão de um etíope ao cristianismo, por intermédio de Felipe, um dos discípulos de Cristo. Nos versículos 36 a 38, está o relato de como se deu o batismo do etíope, relato este que nosso corpus traduziu conforme reproduzimos abaixo:

TEB	BJ	BENVI
36 Prosseguindo o caminho, chegaram a uma nascente d'água, e o eunuco disse: “Eis aqui água. Que impede que eu receba o batismo?” [37] 38 Deu ordem de parar o carro; ambos desceram à água, Felipe e o eunuco, e Felipe o batizou.	36 Prosseguindo pelo caminho, chegaram aonde havia água. Disse então o eunuco: “Eis aqui a água. Que impede que eu seja batizado?” 38 E mandou parar a carruagem. Desceram ambos à água, Felipe e o eunuco. E Felipe o batizou.	36 Prosseguindo pela estrada, chegaram a um lugar onde havia água. O eunuco disse: “Olhe, aqui há água. Que me impede de ser batizado?” 37 <u>Disse Felipe: “Você pode, se crê de todo o coração”. O eunuco respondeu: “Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus”.</u> 38 Assim, deu ordem para parar a carruagem. Então Felipe e o eunuco desceram à água, e Felipe o batizou.

Como vemos, a BENVI possui um trecho que está ausente na TEB e na BJ, trecho esse que diz respeito à confissão de fé proferida pelo etíope, antes de Felipe batizá-lo. No entanto, o aparato crítico da TNMES (1986, p. 1270) informa que a confissão do etíope não consta nos códices Sinaítico, Vaticano, Alexandrino e Efraimita, além de na Peshitta e na Vulgata. De acordo com Treballe Barrera (1999, p. 497), essa confissão é um acréscimo posterior, que começou a aparecer nos manuscritos da tradição ocidental, passando, posteriormente, aos da

tradição bizantina, até se firmar no TR.

No que diz respeito aos comentários das versões do nosso corpus, a BENVI (2003, p. 1868) limitou-se a dizer, em nota, que a confissão não consta em muitos manuscritos antigos. Já a TEB (1994, p. 2118) e a BJ (2002, p. 1916) fornecem esclarecimentos que não encontramos na BENVI: o versículo 37 é uma glosa muito antiga, que começou a aparecer nos manuscritos da tradição ocidental a partir do século II d.C, sendo adicionada ao texto bíblico por influência da liturgia batismal primitiva.

3.2.2.7 – “Deus se manifestou em carne” ou “ele se manifestou em carne” (I Timóteo 3:16)

Vejamos como as bíblias que selecionamos traduziram este versículo:

TEB	BJ	BENVI
Grande é, com certeza, o mistério da piedade. <u>Ele</u> foi manifestado na carne, justificado pelo Espírito, contemplado pelos anjos, proclamado pelos pagãos, acreditado no mundo, exaltado na glória.	Seguramente, grande é o mistério da piedade: <u>Ele</u> foi manifestado na carne, justificado no Espírito, aparecido aos anjos, proclamado às nações, crido no mundo, exaltado na glória.	Não há dúvida de que é grande o mistério da piedade: <u>Deus</u> foi manifestado em corpo, justificado no Espírito, visto pelos anjos, pregado entre as nações, crido no mundo, recebido na glória.

Percebe-se que, na BENVI, consta “Deus foi manifestado”, enquanto que, na TEB e na BJ, temos “ele foi manifestado”, sendo que essa última, de acordo com Treballe Barrera (1999, p. 486), é a forma que aparece nos manuscritos mais antigos do NT, o que parece indicar que era a que constava no texto autógrafo da primeira carta que o apóstolo Paulo enviou ao seu discípulo Timóteo. Quanto ao surgimento da variante, Treballe Barrera sugere que provavelmente ela se originou de um erro de copista, quando o pronome masculino grego ΟΣ, que significa “ele”, foi confundido com a abreviatura da palavra deus em grego, ΘΣ. Com o tempo, o erro acabou se consolidando nos manuscritos da tradição bizantina, vindo a se perpetuar no TR.

Quanto ao nosso corpus, a BENVI, como vemos no quadro, traduziu I Timóteo 3:16 conforme o TR (Deus), sendo que a variante “ele” é citada em nota. Já a BJ e a TEB, apesar de terem traduzido a passagem de acordo com a suposta redação autógrafa (ele), não informam, em seu aparato crítico, que existe a variante “deus”, preservada no TR e nos manuscritos mais recentes do NT. A nota que a TEB (1994, p. 2325) e a BJ (2002, p. 2071) destinam a I Timóteo 3:16 apresenta duas informações: 1) o pronome grego masculino, traduzido por “ele”, refere-se a Cristo; 2) o versículo faz parte de um hino ou de uma profissão de fé litúrgica. A BENVI (2003, p. 2070) especifica que esse hino ou profissão de fé provém da igreja primitiva. Além disso, é válido mencionar que a TEB fornece um dado que não encontramos na BJ, na BENVI e nem na bibliografia utilizada neste trabalho: alguns manuscritos do NT, em vez do pronome masculino “ele”, trazem um pronome grego neutro, que, neste caso, retoma “o mistério da piedade”, embora a TEB ressalte que isso não altera a orientação geral do texto.

### 3.2.2.8 – A *comma joanina* (I João 5:7-8)

O aparato crítico da TNMES (1986, p. 1407) informa que os manuscritos gregos tardios registram o seguinte texto para I João 5:7-8:

*Porque três são os que testificam no céu: o Pai, a Palavra, e o Espírito Santo; e estes três são um. E três são os que testificam na terra: o Espírito, e a água e o sangue; e estes três concordam num.*

Conhecido como *comma joanina*, o trecho sublinhado é uma clara alusão à trindade, um dos principais dogmas do cristianismo. Aliás, de acordo com Geisler e Howe (1999, p. 546-547), a parte destacada é a passagem da Bíblia em que encontramos a referência mais explícita a esse dogma. No entanto, o aparato crítico da TNMES (1986, p. 1407) informa que a *comma joanina* não encontra suporte entre os antigos manuscritos gregos do NT, a saber, os códices Sinaítico, Vaticano e Alexandrino. Brown (2004, p. 524) já é mais específico: sugere que se trata de um acréscimo feito no texto bíblico por questões doutrinárias e teológicas (cf. seção 2.2.2, alínea c), pois diz que a *comma joanina* representa uma reflexão trinitária dogmática interpolada no provável texto autógrafa, mais breve. Mas o que salta à vista na passagem que estamos discutindo nesta seção é que, ao contrário dos outros casos de acréscimo de copista presentes na Bíblia, este começou a aparecer não diretamente no texto grego do NT, mas em traduções dele. De acordo com Brown (2004, p. 524), a *comma joanina* tem sua origem

em traduções latinas da Bíblia feitas na Espanha e na África do Norte, nos séculos III d.C. e IV d.C.

Além disso, o aparato crítico da Bíblia do Peregrino (2002, p. 2932) sugere que ela não constava na Vulgata, pois diz que foi somente a partir de 800 d.C. que o texto começou a ser interpolado nos manuscritos da tradução de Jerônimo. Segundo Geisler e Howe (1999, p. 547), é possível que a *comma joanina* tenha sido originalmente um comentário marginal que começou a ser incluído na Vulgata, talvez por influência das traduções latinas anteriores, sendo aos poucos incorporado no trabalho de Jerônimo. De qualquer forma, apesar de ter surgido com as traduções latinas da Bíblia, a *comma joanina* acabou passando para o primeiro NT em grego padronizado, o TR. A explicação, de acordo com Geisler e Howe (1999, p. 547), é que Erasmo de Roterdã, estudioso que começou a preparar o que se tornaria o TR, foi pressionado por seus superiores a incluí-la na sua terceira edição crítica do NT, lançada em 1522. Podemos perceber então que foi a partir do trabalho de Erasmo que a *comma joanina* se firmou no TR, sendo que ela aparece em praticamente todas as traduções da Bíblia feitas logo após a Reforma.

No que concerne ao nosso corpus, a BJ e a BENVI tiveram o mesmo comportamento: não incluíram a *comma joanina* no texto traduzido, mas em nota, trazendo explicações a respeito dessa passagem, as quais corroboram o que já discutimos acima. A BJ (2002, p. 2132-2133), por exemplo, registra que o texto era originalmente uma glosa marginal, que não aparece nos antigos manuscritos em grego e nos da Vulgata, bem como em outras traduções antigas da Bíblia. Ao afirmar que a *comma joanina* não consta nos antigos manuscritos da Vulgata, a BJ parece corroborar o que o aparato crítico da Bíblia do Peregrino (2002, p. 2932) deixa implícito: o texto estava mesmo ausente no trabalho de Jerônimo. Já a BENVI (2003, p. 2155) fornece um dado que não encontramos na BJ: foi somente a partir do século XVI que a *comma joanina* começou a aparecer nos manuscritos em grego do NT, ou seja, aqueles que serviram de base para a preparação do TR. E, por fim, no que diz respeito à TEB, essa tradução do nosso corpus simplesmente ignorou a *comma joanina*, pois ela não aparece nem no texto traduzido e nem em nota de rodapé. Sendo assim, o leitor dessa tradução brasileira da Bíblia não fica sabendo que há uma variante mais extensa para o texto de I João 5:7-8, a qual se preservou no TR e nos manuscritos gregos tardios do NT. Aliás, a TEB sequer menciona a existência dessa variante, pois as informações que apresenta na nota relativa à I João 5:7-8 são de cunho puramente teológico.

## 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recapitulando os pressupostos teóricos subjacentes ao tema do nosso trabalho, vimos que os autógrafos dos livros da Bíblia não existem mais, e que, se hoje temos acesso ao texto sagrado do cristianismo na língua em que foi originalmente escrito, é graças às cópias manuscritas que dele foram feitas e que chegaram até nós, as quais foram produzidas nas mais diferentes épocas. Vimos também que o texto da Bíblia, ao ser copiado e recopiado inúmeras vezes, foi inevitavelmente submetido a uma série de modificações, que podem ser observadas nos manuscritos disponíveis, sendo que essas modificações nada mais são do que uma propriedade inerente a todo texto que passou por um longo processo de transmissão manuscrita, por meio de sucessivas cópias. Como consequência dessas alterações, hoje temos determinadas passagens da Bíblia que são problemáticas e duvidosas, uma vez que a redação delas varia de um manuscrito para outro, o que torna necessário reconstituir o texto bíblico, a partir das fontes disponíveis, tarefa que os especialistas vêm executando, no intuito de compilarem um texto que, ao mesmo tempo, sirva de modelo para as traduções da Bíblia que são feitas pelo mundo, bem como de proposta para o que teria sido a redação autógrafa de cada livro desta coletânea, tal como saiu das mãos dos escritores, embora, como vimos, nem sempre haja consenso sobre qual variante ou forma mais se aproxima dessa redação.

Comparando a maneira com que cada Bíblia do corpus traduziu as passagens que analisamos, percebemos tanto semelhanças quanto divergências no tratamento dado. Por exemplo, houve passagens em que a tradução é a mesma nas três versões. Foi o caso de Juízes 18:30, em que o corpus foi unânime em seguir a variante que os especialistas consideram ser a redação autógrafa, que, neste caso, não está preservada no TM, mas nas traduções antigas da Bíblia. Para terem tomado essa decisão, é provável que os tradutores tenham achado tendencioso demais o motivo que levou os massoretas a alterarem voluntariamente o texto, ou seja, para fazer a descendência do sacerdote idólatra Jônatas não ser mais associada ao patriarca judeu Moisés, mas a Manassés. Mas também houve divergência nas traduções propostas, algo que também tem a ver com a variante que cada versão resolveu seguir. Aliás, isso aconteceu com quase todas as passagens analisadas, tanto as do AT quanto as do NT. Por exemplo, na tradução de I Samuel 3:13, a TEB e a BJ seguiram as traduções antigas da Bíblia, que é onde os especialistas acreditam estar preservada a redação autógrafa, ao passo que a BENVI

segiu o TM, que, como vimos, foi alterado voluntariamente pelos escribas em I Samuel 3:13. No entanto, não podemos generalizar, dizendo que a BENVI foi negligente, enquanto que a TEB e a BJ não, pois também houve situações em que aconteceu o contrário. Foi o caso, por exemplo, das passagens paralelas que explicitam com que idade Acazias se tornou rei – II Reis 8:26 (22 anos, que é a variante considerada correta) e II Crônicas 22:2 (42 anos, variante errada, devido a um erro de metátese). Como vimos, a BENVI foi a única que reproduziu no texto traduzido de II Crônicas 22:2 a informação tida como certa (22 anos). No caso dessas passagens, bem como no das outras em que houve divergência quanto às variantes seguidas, não há como saber ao certo por que uma versão da Bíblia resolveu seguir o TM, enquanto as outras duas optaram por levar em conta outros testemunhos antigos do texto bíblico.

A divergência no que diz respeito às variantes adotadas parece também ter acontecido com o NT: o prefácio de cada Bíblia analisada registra que a tradução foi feita a partir de edições críticas do NT, compiladas com base nos manuscritos que os especialistas acreditam ser os que mais se aproximam da forma textual autógrafa. Apesar disso, percebemos que nem sempre houve unanimidade entre as versões em considerar a variante que aparece nos manuscritos mais antigos, pois algumas optaram por seguir a que aparece no TR, que, como vimos, foi preparado com base em manuscritos tardios, cujo valor crítico é baixo. Em alguns casos, conseguimos detectar uma explicação plausível: trata-se do epílogo do evangelho de Marcos e do episódio da mulher adúltera. Essas duas passagens não constam nos testemunhos mais antigos do NT, mas as versões do nosso corpus foram unânimes em inclui-las no próprio texto traduzido, provavelmente porque levaram em conta que, apesar de serem acréscimos de escribas, são narrativas do cristianismo primitivo reconhecidas como autênticas pelos especialistas. No entanto, nossa análise revelou outras passagens do TR que alguma das versões incluiu no próprio texto traduzido, a respeito das quais parece haver consenso entre os estudiosos de que se tratam de acréscimos espúrios. E também não há como saber ao certo por que os tradutores decidiram inclui-las no texto vertido. Em Mateus 6:13, por exemplo, a TEB e a BJ omitiram a doxologia da oração do Pai Nosso, que, como vimos, foi perpetuada apenas entre os cristãos protestantes. Esse já não foi o caso da BENVI, que a incluiu no texto traduzido, certamente por ser uma tradução destinada a esse ramo do cristianismo. Com relação à BJ, a omissão se justifica pelo fato de essa Bíblia ter os cristãos católicos como público-alvo. Já quanto à TEB, que é uma versão com pretensões

ecumênicas, a doxologia foi omitida talvez porque os tradutores tenham pretendido verter a oração do Pai Nosso relatada em Mateus de acordo com as evidências documentais mais antigas.

Em linhas gerais, no que diz respeito às variantes seguidas na tradução das passagens analisadas, podemos dizer, a partir dos resultados obtidos, que a BJ e a BENVI tiveram uma tendência maior em usar as que constam nas versões antigas da Bíblia, pois, das nove passagens problemáticas que consideramos, a BJ traduziu apenas duas levando em conta o TM, enquanto a BENVI traduziu três. Em contrapartida, identificamos na TEB uma tendência oposta, pois ela traduziu apenas duas passagens de acordo com as versões antigas, a saber, Juízes 18:30 e I Samuel 3:13. Já quanto às oito passagens do NT que analisamos, o quadro mudou um pouco: a TEB foi a que mais recorreu ao TC nos casos de alterações, pois seguiu as variantes do TR em apenas três delas. A BJ ficou dividida: em quatro, usou o TC, e nas outras quatro, o TR. E a BENVI foi a versão que mais se portou ao TR: traduziu seis passagens a partir dele, e apenas duas a partir do TC. Parece que essa falta de uniformidade entre as versões do corpus quanto a quais variantes usar na tradução das passagens alteradas demonstra, principalmente, os diferentes níveis de valorização que os tradutores atribuíram a cada manuscrito disponível, o que certamente os influenciou em escolher a redação de um em detrimento da de outros.

Passando agora para a parte reflexiva das nossas considerações finais, acreditamos que foram alcançados resultados que vão além dos objetivos que nos impulsionaram a empreender este trabalho: em primeiro lugar, a análise do corpus revelou que, apesar de haver textos padronizados da Bíblia disponíveis aos tradutores, eles não conseguiram unificar totalmente o texto bíblico, a ponto de fazer todas as traduções concordarem 100% entre si, em termos de forma e conteúdo. Isso significa que as passagens alteradas, de uma maneira geral, acabam por se perpetuarem nas traduções, fazendo com que o estudo das versões da Bíblia seja necessário, a fim de esclarecer o porquê de haver determinados trechos que divergem radicalmente de uma versão para outra. Em segundo lugar, nossa análise serviu para ilustrar que nem sempre os textos padronizados da Bíblia reproduzem, na íntegra, o conteúdo do que os especialistas julgam ser a forma textual autógrafa. E, em terceiro lugar, constatamos que uma boa tradução da Bíblia deve levar em conta outras fontes além dos textos em língua original que elegeram, uma vez que eles possuem certas dificuldades que são insuperáveis, se os tradutores abrirem mão de um estudo comparativo.

Esperamos que o tema do nosso trabalho sirva para comprovar

que o estudo das passagens bíblicas que foram submetidas a modificações é a melhor maneira não só de entender o porquê de haver determinados trechos da Bíblia que variam radicalmente de uma tradução para outra, mas também de saber a origem e os tipos de modificações que o texto sofreu ao longo de todo o tempo em que foi transmitido por intermédio de cópias manuscritas. Além do mais, em matéria de Bíblia, notamos que é de extrema relevância o estabelecimento de um texto hebraico e grego autêntico e unificado, que esteja o mais próximo possível do que teriam sido os autógrafos, pois, do contrário, não há como fazer uma crítica histórica ou literária confiável, nem exegese, teologia e sermão, tampouco tradução. A propósito, Gabel e Wheeler (1993, p. 214) observam que só há Bíblia em uma determinada língua quando os tradutores constroem uma, a partir das inúmeras possibilidades que as fontes documentais apresentam. De certa forma, isso quer dizer que não se pode simplesmente eleger um dos manuscritos disponíveis como texto original, e fazer as traduções somente a partir dele.

Para finalizar, a despeito de todas as modificações que o texto bíblico sofreu ao longo dos séculos, Geisler e Turek (2006, p. 169) observam que parece que ele foi mais bem preservado por meio de cópias do que o teria sido por intermédio dos manuscritos originais, uma vez que, se alguém tivesse em seu poder os autógrafos dos livros bíblicos, essa pessoa poderia muito bem alterar os textos, para adaptá-los às suas conveniências e visões teológicas. Mas, como a Bíblia foi transmitida e preservada essencialmente através das suas inúmeras cópias que se espalharam por todo o mundo antigo, isso impediu, de certa forma, que algum escriba ou autoridade eclesiástica alterasse o texto e o ajustasse ao seu modo de interpretá-lo, alegando que aquela é a redação original, já que outros testemunhos comprovariam a fraude.

Além disso, como vimos ao longo da nossa análise, o processo de reconstituição do texto bíblico permite que as alterações nas cópias sejam identificadas e corrigidas. Em algumas delas, a restauração é fácil de ser realizada, pois basta um simples cotejamento entre os manuscritos. Por outro lado, há aqueles casos que já são mais complicados, pois não há como saber ao certo se a passagem problemática constava ou não no que se considera ser o texto autógrafo, visto que as evidências documentais mais antigas e qualificadas estão divididas: algumas registram a passagem, outras não. Cremos que isso ficou claro na análise de, por exemplo, Lucas 22:42-44, pois constatamos uma divergência de opinião tanto entre os autores que consultamos quanto entre as próprias versões do corpus no que diz

respeito a se os versículos 43 e 44 constavam no suposto texto autógrafo do terceiro evangelho. Enfim, não restam dúvidas que o livro hoje chamado de Bíblia é uma compilação feita a partir de um conjunto de manuscritos, discordantes em alguns pontos, mas surpreendentemente concordantes no geral, o que garante a sua unidade, e mesmo para alguns, sua autenticidade.

## REFERÊNCIAS

A TORÁ Viva. Tradução de Adolpho Wasserman. São Paulo: Maayanot, 2000.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Apologética de Estudo*. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. Jundiaí: Instituto Cristão de Pesquisas, 2006. Edição Almeida Corrigida e Revisada.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução de Matos Soares. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Tradução de Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2006.

BÍBLIA. Português. *Bíblia do Peregrino*. Tradução de Luís Alonso Schökel. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA. Português. *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

BÍBLIA. Português. *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas (com referências)*. Cesário Lange: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1986.

BÍBLIA. Português. *Tradução Ecumênica da Bíblia (TEB)*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

BROWN, Harold O. J. *A inerrância e a infalibilidade da Bíblia*. In: *A origem da Bíblia*. Tradução: Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), 1998, p. 53-65.

BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução: Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2004.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CEIA, Carlos. *E-Dicionário de Termos Literários*. Disponível em: <<http://www2.fcsb.unl.pt/edtl/verbetes/P/paratexto.htm>>. Acesso 1 julho 2009.

COMFORT, Philip Wesley. *Textos e manuscritos do Novo Testamento*. In: *A origem da Bíblia*. Tradução: Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), 1998, p. 211-241.

DESLILE, Jean; WOODSWORTH, Judith (Org.). *Os tradutores e a difusão das religiões*. In: *Os tradutores na História*. Tradução: Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1998, p. 170-197.

FRANCISCO, Edson de Faria. *Masora Parva Comparada: comparação entre as anotações massoréticas em textos da Bíblia Hebraica de tradição Ben Asher em Isaías, capítulos de 1 a 10*. 2002. Dissertação (Mestrado em Línguas Orientais) – Programa de Pós-Graduação em Línguas Orientais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

GABEL, John B.; WHEELER, Charles B. *A Bíblia como literatura*. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Mana Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

GEISLER, Norman; HOWE, Thomas. *Manual popular de dúvidas, enigmas e “contradições” da Bíblia*. Tradução: Milton Azevedo Andrade. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

GEISLER, Norman; NIX, William. *Introdução Bíblica: como a Bíblia chegou até nós*. Tradução: Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida, 1997.

GEISLER, Norman; TUREK, Frank. *Não tenho fé suficiente para ser ateu*. Tradução: Emison Justino. São Paulo: Vida Acadêmica, 2006.

GIRALDI, Luiz Antônio. *História da Bíblia no Brasil*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

GOHN, Carlos Alberto. *Pesquisas em torno de textos sensíveis: os livros sagrados*. In: *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001, p. 147-170.

HALE, Broadus David. *Introdução ao estudo do Novo Testamento*. Tradução: Cláudio Vital de Souza. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações (JUERP), 1983.

JUDAÍSMO Ibérico. Disponível em <<http://www.judaismo-iberico.org/interlinear/tanakh/indexpt.html>>. Acesso em 4 dezembro 2008.

KASCHEL, Werner; ZIMMER, Rudi. *Dicionário da Bíblia de Almeida*. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

LENHARDT, Pierre; COLLIN, Mathieu. *A Torah oral dos fariseus: textos da tradição de Israel*. Tradução: Nadyr de Salles Penteadó. São Paulo: Paulus, 1997.

LONG, Lynne (ed.). *Translation and religion: holy untranslatable?* Clevedon: Multilingual Matters, 2005.

MIGUEL, Igor. *O que é a Peshitta?* Disponível em <<http://www.ensinandodesiao.org.br/pdf/peshita.pdf>>. Acesso em 23 novembro 2008.

NIDA, Eugene Albert. *Toward a science of translating*. Leiden: E. J. Brill, 1964.

NORTON, Mark R. *Textos e manuscritos do Antigo Testamento*. In: *A origem da Bíblia*. Tradução: Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), 1998, p. 181-209.

NOVO Testamento King James, edição de estudo. São Paulo: Abba Press, 2007.

PAROSCHI, Wilson. *Crítica Textual do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

PRIETO, Christine. *Cristianismo e Paganismo: a pregação do evangelho no mundo greco-romano*. Tradução: Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 2007.

REESE, Edward; Klassen, Frank (Org.) *A Bíblia em ordem cronológica: Nova Versão Internacional*. Tradução: Judson Canto (títulos e textos explicativos). São Paulo: Vida, 2003.

SAYÃO, Luiz Alberto Teixeira et al (Ed.). *Antigo Testamento Poliglota: Hebraico, Grego, Português e Inglês*. São Paulo: Vida Nova e Sociedade Bíblica do Brasil, 2003.

SAYÃO, Luiz Alberto Teixeira (Ed.). *Novo Testamento Trilíngue: Grego, Português e Inglês*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

SCHOLZ, Vilson. *Princípios de interpretação bíblica: introdução à hermenêutica, com ênfase em gêneros literários*. Canoas: Editora da ULBRA, 2006.

SELLIN, Ernest; FOHRER, Georg. *Introdução ao Antigo Testamento*. Tradução: Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. São Paulo: Academia Cristã e Paulus, 2007.

SILVA, Antônio Gilberto da. *A Bíblia através dos séculos: história e formação do Livro dos livros*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), 1986.

STERN, David H. *Comentário Judaico do Novo Testamento*. Tradução: Regina Aranha et al. São Paulo: Didática Paulista; Belo Horizonte: Atos, 2008.

\_\_\_\_\_. *Novo Testamento Judaico*. Tradução: Rogério Portella. São Paulo: Editora Vida, 2007.

TORÁ: A Lei de Moisés. Tradução de Meir Matzliah Melamed, David Gorodovits e Ruben Najmanovich. São Paulo: Sêfer, 2001.

TORRE, Esteban. *La traducción: concepto e evolución histórica*. In: *Teoría de la traducción literaria*. Barcelona: Editorial Síntesis, 2001.

TREBOLLE BARRERA, Júlio. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: introdução à história da Bíblia*. Tradução: Ramiro Mincato. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

WHITE, Ellen G. *O Grande Conflito*. Tradução: Hélio L. Grellmann. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.